

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**“Como homem e
mulher Ele os
criou”
Um desafio
franciscano**



**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**“Como homem e
mulher Ele os
criou”
Um desafio
franciscano**



Petrópolis 2002

Lição 22

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFM^{Cap}, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFM^{Cap}, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU





Texto das Fontes

Francisco e as mulheres

I. Introdução

II. Visão de Conjunto

III. Informação

1. - Sexismo
 - 1.1. O mito dos papéis atribuídos aos dois sexos
 - 1.2. O mito da inferioridade da mulher
 - 1.3. O mito de Eva, sedutora do homem
 - 1.4. Exploração sexual
 - 1.5. Opressão
2. - O moderno movimento feminista
 - 2.1. Simone de Beauvoir: manifesto sobre o sexismo
 - 2.2. Conclusões tiradas da análise do sexismo
3. - Sexismo e Cristianismo
 - 3.1. Feminismo cristão e sexismo na Igreja
 - 3.2. Tomada de consciência da mulher na Igreja
 - 3.3. Desafio lançado pelo aparecimento de teólogas
4. - O desafio franciscano
 - 4.1. O apelo a sermos irmãos e irmãs, uns para os outros
 - 4.2. A reconstrução das fontes franciscanas
5. Conclusões

IV. Exercícios

V. Aplicações

VI. Bibliografia

VII. Legendas das Ilustrações





Francisco e as mulheres

Francisco mantinha uma relação estranhamente ambígua para com as mulheres. De um lado, sofria a influência do seu tempo, vendo em cada mulher uma “Eva” que procura seduzir o homem. Por isso, estava convencido de que devia evitar qualquer contato com elas. De outro lado, mantinha relações de grande amizade, sobretudo com três mulheres.

Entre elas estava Clara, a fundadora das Clarissas (= Segunda Ordem franciscana). Francisco a chamava de “Christiana”, porque Clara representava para ele a mulher modelar.

Depois, havia Praxedes, uma romana que procurava conselho e orientação junto a Francisco. Ele indicou para esta mulher um lugar recolhido, onde ela podia participar, a seu modo, da vida de penitência que Francisco levava, a saber, uma vida na imitação de Jesus (= a Ordem Terceira).

Finalmente, havia Jacoba de Settesoli, uma dama da nobreza romana. Com frequência, Francisco se hospedava na casa dela e gostava de comer os pastéis de amêndoas que ela sabia fazer. Já estando no seu leito de morte, Francisco queria rever Jacoba, pedindo que ela viesse visitá-lo, trazendo até os pastéis saborosos. Francisco a chamava de “irmão”, abolindo assim para Jacoba a proibição de entrar como mulher na clausura do convento dos frades. Portanto, a relação que Francisco mantinha para com o sexo feminino não era livre de ambigüidades. Somente no fim de sua vida, chegou a uma liberdade interior que lhe permitia procurar a proximidade de Clara e das irmãs dela durante sua doença final (cf. 3Cel 37ss.).





ma rede de solidariedade

Nas lições anteriores, fomos confrontados com várias formas de opressão e exploração. Na presente lição, trata-se do problema de “sexismo”, ou seja, dos preconceitos e preconceitos sofridos por mulheres por causa de sua pertença ao sexo feminino, assim como das questões e perspectivas que daí decorrem.

Será focalizado o mistério das diferenças humanas e as estruturas injustas que oprimem as mulheres pelo simples fato de serem o que são: mulheres.

Como franciscanos e franciscanas, temos a obrigação comum de aproximar-nos indistintamente de todos que clamam por justiça e compaixão, assim como Jesus o fez. Temos que refletir novamente sobre a opção preferencial pelos pobres e indefesos, pois a grande maioria dos pobres e desprotegidos no nosso mundo são mulheres e crianças. É preciso que julgemos e compreendamos o mundo a partir do seu ponto de vista e seus anseios.

Em sua maior parte, a história da humanidade foi escrita por homens e para homens. Portanto, não é estranho que, falando historicamente, não foram consideradas as consequências trágicas do sexismo. O abuso sofrido por mulheres e crianças, assim como a violência praticada contra elas, foi largamente ignorada, desculpada, justificada, interpretada de modo ambíguo, ou nem tomada em consideração.

Há pouco tempo apenas, que historiadoras começaram a descobrir e desvendar amplamente a história até então oculta de mulheres e crianças. A partir deste momento, as vítimas sem nome já não são mais ignoradas ou ocultas, já não ficam sem voz.

No mundo inteiro formam-se redes de solidariedade e de resistência, dando às mulheres a possibilidade de perder o medo e superar a vergonha, chamando a injustiça pelo seu nome e lutando contra a opressão e as estruturas injustas. Após séculos de silêncio e censura, hoje se tornou possível denunciar o sexismo como um flagelo a nível mundial.

As sociedades já não podem isolar a experiência daquilo que significa ser mulher, separando-a da posição e do papel que lhes foi imposto pela respectiva tradição religiosa. Portanto, comunidades de fé também não podem permanecer ingenuamente indiferentes ou ambíguas frente à injustiça sofrida por mulheres. Os sinais dos tempos levam-nos a reconhecer que o sexismo está enraizado mesmo nas tradições religiosas mais respeitadas, assim como acontece também com o racismo, a divisão em classes e o militarismo. E isto vale, inclusive, para nossa tradição católica romana.





Primeiros passos rumo a uma conversão

Uma vez que não se pode falar de nenhum tema enquanto o seu sentido conceitual não é bastante claro, vamos antecipar, no primeiro capítulo, algo que faz parte das conclusões da crítica feita ao sexismo. A saber, vamos definir o “sexismo” e enumerar alguns “mitos” e fatos que o fundamentam ou explicam.

O segundo capítulo dá uma curta história do movimento feminista, procurando resumir alguns resultados e colocações do “feminismo”. O terceiro capítulo demonstra até que ponto a Igreja está marcada pelo sexismo e como mulheres cristãs podem reagir a esta situação. Finalmente, o quarto capítulo vai representar o sexismo como um desafio franciscano.



A partir dos anos 60, a existência do sexismo, ou seja, o prejuízo causado à mulher por causa de sua pertença ao sexo feminino, chegou à tona, impondo-se de modo cada vez mais claro. Trata-se de uma das formas mais difundidas e indignas de opressão estrutural no nosso mundo, estando, além disso, frequentemente ligado à pobreza material.

Nos países do hemisfério sul, a mulher é duplamente prejudicada e pobre. Com frequência, o sexismo é justificado e agravado através de preconceitos histórico-culturais, condicionamentos sócio-econômicos e convicções religiosas.

Para entender o sexismo e seus fundamentos é preciso observar com muita atenção e considerar o mundo a partir do ponto de vista das mulheres.

O mito dos papéis atribuídos aos dois sexos

Em todas as regiões do mundo, o papel social dos homens e das mulheres é deduzido dos seus respectivos sexos.

- Homens assumem as funções produtivas fora do lar. O homem é aquele que sustenta a família pelo seu trabalho, que é pago, respeitado e reconhecido. Até hoje, no mundo inteiro, as posições-chave no Estado e na Igreja estão quase exclusivamente na mão de homens.

Mulheres são relegadas ao papel reprodutivo. São elas que devem dar a luz aos filhos e cuidar deles, executar todas as tarefas caseiras e criar um ambiente acolhedor, onde a família

possa viver e prosperar. Esta tarefa "natural" da mulher é transferida também ao mundo exterior da profissão. Portanto, profissões tipicamente "femininas" são o ensino, a enfermagem, o trabalho de secretária nos escritórios e outras funções subalternas, normalmente menos bem pagas.



• **Na maioria dos casos, o mundo continua desigual**

Participação porcentual em 1994:

na população profissional:	mulheres: 38%	homens: 62%
rendimento do trabalho:	mulheres: 26%	homens: 74%
postos no parlamento:	mulheres: 10%	homens: 90%
representantes de governo:	mulheres: 6%	homens: 94%

Mulheres que exercem uma profissão têm que arcar com uma carga dupla. Após o dia de trabalho, elas ainda têm que assumir todas as tarefas dentro de casa. Portanto, as mulheres são obrigadas a obedecer a um tempo de trabalho muito mais longo do que os homens. Segundo um estudo feito pela UNDP (= Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas), se o trabalho feito por mulheres dentro de casa fosse pago, iria chegar a um total de 11 trilhões de dólares por ano.

Do tempo total que os homens passam trabalhando no mercado do trabalho, 2/3 é remunerado, enquanto 1/3 é feito sem receber pagamento. Para mulheres, a situação é exatamente inversa. Portanto, os homens recebem a maior parte do rendimento e do reconhecimento pela sua contribuição ao mundo do trabalho, enquanto a maior parte do trabalho feminino não é paga, nem reconhecida, mas, pelo contrário, menosprezada.

Na reportagem da UNDP consta a frase: *“a pobreza tem um rosto feminino!”*

- Mulheres representam a metade da humanidade, são ativas durante dois terços do tempo de trabalho, mas só recebem a décima parte do rendimento mundial, possuindo ainda menos do que 1% dos bens da terra.
- Mulheres produzem até 80% dos mantimentos básicos no Terceiro Mundo, trabalhando até 18 horas diárias durante o tempo da colheita.
- Frequentemente, são elas as únicas que providenciam a alimentação da família, sendo responsáveis pela saúde e formação dos filhos, pelo trabalho na roça, a procura de água e de lenha...

• **Reconhecer a contribuição das mulheres:**

Tempo total de atividades econômicas das mulheres: 1/3 pagas,
2/3 não pagas

Tempo total de atividades econômicas: contribuição dos homens: menos que a metade
contribuição das mulheres: mais que a metade

Tempo total de atividades econômicas dos homens: 3/4 pagas
1/4 não pagas

O mito dos diferentes papéis atribuídos aos dois sexos acaba agravando o prejuízo causado às mulheres. De fato, na vida normal elas participam ativamente tanto das tarefas produtivas como das reprodutivas. Não obstante, recebem menos ou nenhum reconhecimento por suas contribuições insubstituíveis.



O mito da inferioridade da mulher

1.2.

O mito da inferioridade da mulher não é menos proclamado e difundido no mundo do que o mito dos papéis atribuídos aos dois sexos. De fato, é possível encontrar este fenômeno em todas as religiões e culturas:

- **Misoginia**¹: Desprezo e desconfiança da mulher leva os homens a pensar nas mulheres como seres inferiores, tolerando-as apenas como subservientes. Quando consultamos as nossas fontes franciscanas, temos de reconhecer que também elas estão imbuídas de desprezo da mulher.

“(Francisco) mandava evitar totalmente o mel venenoso que é a familiaridade com as mulheres, que induzem ao erro até os homens santos. Temia que, com isso, o fraco se quebrasse depressa e mesmo o forte ficasse muitas vezes enfraquecido em seu espírito. Achava que só escaparia de seu contágio, conversando com elas, o homem que fosse bem provado, capaz de, conforme a Bíblia, andar no fogo sem queimar os pés. Para dar testemunho, cuidava ele mesmo de ser exemplo de toda virtude. Pois as mulheres o perturbavam tanto que não se podia dizer que fazia isso por precaução ou para dar exemplo, mas realmente porque tinha medo e ficava horrorizado. Quando sua importuna loquacidade o assaltava com seu falatório, invocava o silêncio, falando com brevidade e humildade e

¹ Grego: *misein* = odiar (cf. *misanthropia*); *gyne* = mulher; *misoginia*: = repugnância do homem contra o gênero feminino em geral, mas sobretudo no que toca o âmbito do sexo.



baixando os olhos. Outras vezes, voltava os olhos para o céu, parecendo trazer de lá as palavras que respondia às resmungadoras da terra...

Ótimo, pai, porque o rosto delas não santifica ninguém! Ótimo, porque o lucro não é nenhum, mas o prejuízo é muito grande, mesmo do tempo! Elas só servem de estorvo aos que querem seguir o caminho árduo da santidade e contemplar a face de Deus, radiante de beleza" (2Cel 112).

• **Patriarcado**²: Significa uma organização social marcada pelo poder e pela autoridade absoluta do pai, um sistema hierárquico de dominação gradativa, em cujo topo sempre se encontra o homem. Fala-se, porém, que historicamente a forma do "matriarcado" lhe era anterior, quer dizer, o sistema social onde as mulheres e sobretudo as mães tiveram a máxima autoridade. Convém notar que foram homens os primeiros a falar de "patriarcado", celebrando, desta maneira, a sua própria "libertação" do jugo das mulheres, a exaltação do espírito e da inteligência sobre a natureza e a evolução a um degrau mais alto de humanidade.

No moderno movimento feminista, porém, o termo "patriarcado" significa o absoluto oposto, a saber, uma decadência da sociedade humana original que ainda estava marcada por valores femininos e abrangentes.

• **Androcentrismo**³: Significa uma perspectiva centrada no homem. O varão é considerado, de maneira irrefletida e inconsciente, como norma do ser humano e como sujeito da história. O androcentrismo concede à mulher apenas um papel passivo. É preciso lutar e resistir para conseguir que também a mulher se faça ouvir e contribua de maneira significativa à literatura, às artes, à ciência e política, assim como à vida da Igreja.



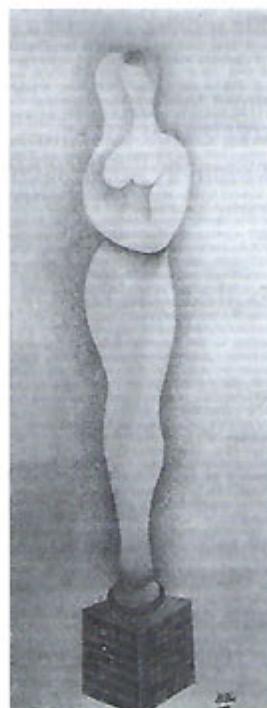
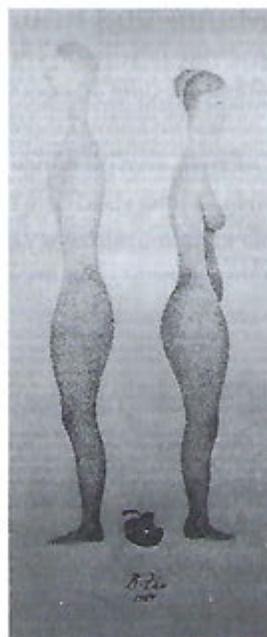
² Latino: pater (pai, chefe do clã); arche: domínio; patriarcado: domínio do pai. Descrição de uma forma de sociedade onde o homem possui o poder máximo de decisão e disposição sobre todos os membros da família.

³ Grego: andros = homem; kentron = centro; androcentrismo: tudo é orientado em direção ao homem.

O mito dos papéis atribuídos aos dois sexos, assim como o mito da inferioridade da mulher foram ambos reforçados por tradições religiosas. Nós, cristãos, estamos muito marcados pela história do pecado original, normalmente interpretado - tanto nos textos do Antigo como do Novo Testamento, - de maneira hostil às mulheres. Neste contexto foi negado que a mulher seja criada segundo a imagem de Deus, sendo, portanto, considerada como um ser inferior, não plenamente humana.

Ainda no ano 1910, Max Funke, um filósofo e discípulo de Schopenhauer, escreveu um livro sobre a questão se a mulher é ou não um ser humano completo. Sua resposta é negativa sem inibições: *“Não foi a mulher quem causou a queda de Adão? Não foi ela quem seduziu os anjos Barut e Marut? Não foi uma mulher quem instigou o piedoso Davi a matar Urias? Não foi ela o motivo por que o casto José ficou encarcerado?... E ao expulsar Adão e Eva do paraíso, Deus dirigiu a palavra a Adão: ‘Comeste da árvore, de cujo fruto te proibi comer?’ Se Deus tivesse reconhecido Eva como um ser plenamente humano, certamente teria dirigido esta mesma pergunta a ela”* (cit. por Schüngel-Straumann 12)

Um resumo das tradições marcadas pelo ódio à mulher se encontra no “Hexenhammer”, uma obra de 1487, que fundamenta “teologicamente” a caça às bruxas, causa da morte de milhares de mulheres. Citamos daquele texto: *“Os escritos do Antigo Testamento falam sobretudo coisas negativas sobre as mulheres, a partir da primeira pecadora, a saber, Eva e suas imitadoras... Porém, uma vez que mesmo nos tempos de hoje a perversidade é mais comum entre as mulheres do que entre os homens, assim como ensina a experiência, seja-nos permitido dizer, além daquilo que já foi dito e após um exame minucioso das causas, que - uma vez que as mulheres são deficientes, tanto nas forças da alma como do corpo, - não é nenhum milagre que elas se permitam cometer mais crimes infames contra aqueles com os quais rivalizam. Pois, no que toca a inteligência ou o entendimento do espírito, parecem feitas de outra matéria que os homens, como foi indicado por autoridades à base de exemplos tirados da Sagrada Escritura... Um verso do*



capítulo 11 dos Provérbios reza: 'Anel de ouro em focinho de porco, tal a mulher formosa, porém sem critérios'.

A razão é tirada da natureza. Porque (a mulher) é mais sensual do que o homem, como se pode deduzir de tantas indecências carnavais. Essa lacuna também foi marcada pela criação da primeira mulher. Ela foi formada por uma costela encurvada, a saber, por uma costela virada em direção contra o homem. Desta lacuna se pode deduzir que também a mulher é apenas um animal incompleto, sempre enganoso" (cit. por Schüngel-Straumann 17).

Quem lê, sem preconceitos, a história da criação e do pecado original na Sagrada Escritura chega a uma visão bem diferente: Eva é "carne da sua carne" (= de Adão), uma interlocutora íntegra, uma parceira valiosa. Apenas pela sua reciprocidade mútua, homem e mulher chegam a formar uma imagem completa de Deus. A sujeição da mulher sob o domínio do homem é relatado como uma conseqüência do pecado, resultado de culpas e falhas, uma desordem dirigida contra Deus. Fundamentalmente, no paraíso estava prevista uma parceria de igual dignidade. Uma tal interpretação seria altamente crítica da sociedade. Essa função, porém, a interpretação do texto não podia permitir, porque a tradição religiosa costumava ler o primeiro capítulo da Bíblia através de óculos misóginos, com muito poucas exceções.

Entre essas exceções estava, p.ex., a mártir Julita, que tinha que se defender no século IV contra o mito do "sexo fraco" e uma interpretação falsa da Bíblia: "Somos feitas da mesma matéria que os homens. Somos feitas segundo a imagem de Deus, assim como eles também. O gênero feminino foi criado pelo Criador para a virtude, do mesmo modo que o gênero masculino. Não somos, por acaso, aparentadas aos homens em tudo? Não foi carne que serviu para criar a mulher, mas 'osso do seu osso'. Por isso, devemos oferecer, tanto quanto os homens, a mesma constância, fortaleza e paciência ao Senhor" (cit. por Schüngel-Straumann 34).

Mas, contra tais afirmações positivas existem, de outro lado, as opiniões de São Paulo, Agostinho, Ambrósio, Tomás de Aquino e toda uma falange de teólogos que marcaram a tradição cristã.

Exploração sexual

1.4.

No seu conjunto, os três mitos levam necessariamente à exploração sexual. É incalculável o número de mulheres que sofrem ameaças e violências, desde a sua infância e durante toda a sua vida adulta. Não dispomos de dados exatos, mas os casos documentados que existem mostram que a violência praticada contra mulheres é um problema universal. A violência masculina contra mulheres e crianças acontece de muitas maneiras:

- **Violência no lar:** Baseado em um grande número de estudos, chegou-se à conclusão de que até 2/3 das mulheres casadas são objetos de violência dentro de seus lares. Mulhe-

res são tratadas como uma propriedade da qual os homens podem dispor como de objetos de sua cobiça sexual. Muitos consideram estas formas de violência simplesmente faltas contra a virtude da castidade, portanto, não levadas a sério e até sendo ignoradas. Na realidade, porém, trata-se de crimes de violência, opressão e dominação.

- **Pornografia, abuso sexual de crianças e adolescentes, prostituição:** Calcula-se que anualmente cerca de um milhão de crianças, na maioria meninas procedentes da Ásia, são forçadas a prostituir-se. Anualmente, as genitálias de mais ou menos 100 milhões de meninas são forçosamente mutiladas.

Além disso, ainda não se fez um levantamento completo da indústria do turismo do sexo, que propaga sistematicamente a exploração sexual, sobretudo pela prostituição de mulheres e crianças.

- **Estupro:** Estudos feitos no Canadá, na Nova Zelândia, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos calculam que uma em cada seis mulheres já foi estuprada pelo menos uma vez na vida.

- **Assassinato e suicídio:** Outros estudos comprovam que mais do que a metade de mortes de mulheres é causada pelos seus parceiros, antigos ou atuais. Há provas recolhidas dos mais diversos contextos culturais, provando que a violência dentro do matrimônio é uma das causas principais dos suicídios femininos.

- **Esterilização, aborto e infanticídio:** Em vários países, são feitos testes “in utero” para determinar o sexo do respectivo feto. Se for feminino, será destinado ao aborto. O aumento de casos de esterilização forçada, aborto e infanticídio são sintomas de uma ordem econômica mundial que considera mulheres e crianças como objetos de consumo, à disposição de qualquer um.



Opressão

1.5.

O “gênero fraco” deve ser dirigido pelo varão. Assim reza uma tradição equivocada. Em conseqüência, as mulheres são submissas aos caprichos dos homens. Durante séculos, mulheres foram impedidas de participar ativamente nos processos onde se tomam decisões



ou onde poderiam assumir pessoalmente seus próprios negócios. Com frequência, esse processo de desumanização foi assimilado pelas vítimas, a saber, as próprias mulheres. Chegaram a resistir às tentativas de quebrar o círculo vicioso de sua opressão. É por demais forte o efeito dos preconceitos filosóficos e teológicos! Portanto, não podemos nos admirar ao descobrir que as experiências trágicas e conseqüências dolorosas de abusos e violências sofridas por mulheres e crianças foram tão ignoradas, desculpadas, justificadas, mal interpretadas ou totalmente esquecidas.



moderno movimento feminista

2.

No decorrer da história, sempre houve certas épocas em que as mulheres chegaram a ter mais prestígio do que em outras. A partir do século XIX, surgiu um movimento feminino moderno, denominado “feminismo”, significando a teoria da igualdade política, econômica e social dos sexos, incluindo as *“atividades organizadas a favor dos direitos e interesses das mulheres”*.

O movimento feminista concentra a sua atenção na história longamente oculta das mulheres, uma vez que a história foi escrita normalmente por homens, deixando as mulheres no segundo plano. O feminismo, ao contrário, questiona as atitudes, estruturas e perspectivas sociais predominantes que perpetuam o sexismo.

O feminismo é sujeito a múltiplos equívocos. Em vários contextos culturais evoca a imagem altamente politizada e muitas vezes negativa de uma mulher branca, ocidental, privilegiada por raça e classe, que contesta afoitamente aqueles sistemas e estruturas que favorecem os interesses dominantes do homem ocidental.

Onde fica, porém, nesta conjuntura, a mulher que tem uma outra cor de pele, que é pobre e vive em qualquer canto da América Latina, da Ásia ou da África? Muito mais pesa a crítica expressa por mulheres de outras raças, classes e culturas, que assinalam de forma incisiva os preconceitos raciais, sócio-econômicos e políticos de feministas ocidentais. Na retórica e na prática delas encontram-se, com frequência, vestígios do mesmo interesse próprio e do mesmo sentimento de superioridade que, em geral, se associam às ideologias do Primeiro Mundo.

Por isso, infelizmente, acontece que as causas que motivam as ativistas defensoras dos direitos femininos são tratadas com desprezo e não são analisadas seriamente. Por uns, as feministas são insultadas como “subversivas” ou “imperialistas”; por outros, porém, consideradas “heroínas” e “companheiras”. Mulheres que se engajam a fundo na luta pela justiça social e

dignidade humana são caluniadas e mal interpretadas. Somente quando o “feminismo” atual se unir com as aspirações da Teologia da Libertação, esse dilema será superado.

Feministas são classificadas também como pessoas que põem em perigo a ordem social vigente por meios inconventionais. Por isso, não é de se admirar que elas sejam desqualificadas publicamente como “perigo para a sociedade”, ou ridicularizadas como “sabichonas emancipadas”, atacadas, portanto, por homens e mulheres cujos interesses sócio-políticos e econômicos são mantidos e propagados pela manutenção de atitudes e práticas sexistas.

No decorrer da história, grupos femininos foram unindo-se a outros movimentos humanitários em muitos países no mundo inteiro.

Pois, entre os pobres e destituídos de direitos, mulheres e crianças formam, desde sempre, a maioria. Nos Estados Unidos, por exemplo, as que lutavam pelos direitos da mulher no século XIX foram simultaneamente ou condenadas ou louvadas por seus esforços incansáveis em prol da abolição da escravatura, da reforma das penitenciárias, pelo cuidado dado a doentes psíquicos ou deficientes, pela procura de integrar imigrantes, pelo direito das mulheres ao voto e pela causa do pacifismo. A pesquisa sócio-política prova, entretanto, que estas tentativas não se limitaram unicamente à América do Norte. Portanto, devemos levar muito a sério e considerar com atenção os temas e as preocupações apresentados por feministas, porque correspondem a experiências sofridas por mulheres no mundo inteiro.

O moderno movimento feminista levou à formação de várias redes de solidariedade. A solidariedade e a resistência possibilitaram a mulheres superarem medos e vexames culturais, que até então as impediram de reagir contra a opressão sofrida por elas mesmas e por seus filhos.

Atualmente, o reconhecimento dos problemas chegou a um ponto onde se reconhece o sexismo como aquilo que realmente é, a saber, um fenômeno mundial que existe de várias maneiras em todos os continentes, sociedades e classes.



Simone de Beauvoir: manifesto sobre o sexismo

2.1.

Em 1946, Simone de Beauvoir publicou, sob o título “O Segundo Sexo”, um abrangente estudo histórico sobre o status e o papel das mulheres na cultura ocidental. Embora Simone de Beauvoir não seja a primeira feminista a criticar sistematicamente o sexismo, ela é, sem



dúvida, a mais lida e internacionalmente conhecida. No transcurso de suas investigações, a filósofa francesa analisava os aspectos sexuais, sociais, biológicos e históricos da condição da mulher.

Nos seus esforços por encontrar uma resposta autêntica à pergunta: "O que é a mulher?", Simone de Beauvoir estava convencida do fato de que, durante séculos, os homens simplesmente tinham respondido a esta pergunta à maneira deles mesmos, sem jamais contar seriamente com as deliberações, as convicções, os pontos de vista e as experiências de mulheres como tais. O homem não definia a mulher em si, mas nas suas relações com ele mesmo. Assim a mulher era definida e diferenciada pelo homem, não, porém, o homem pela mulher. Simone de Beauvoir mostrava como legisladores, teólogos, filósofos, escritores e cientistas colaboravam para demonstrar que "a posição subordinada da mulher era querida no céu e proveitosa na terra". No entanto, o que Simone de Beauvoir não enxergava eram os seus próprios pressupostos raciais, culturais, políticos e sexuais, os preconceitos e interesses que se ligavam à sua própria posição de mulher intelectual da Europa Ocidental.

Mesmo assim, o seu clássico "manifesto" foi uma contribuição importante para a história da mulher, porque contestava a velha idéia de que o destino da mulher era determinado, inevitavelmente, por forças fisiológicas, psicológicas e econômicas. Analisando as muitas razões por que a mulher, desde sempre, era definida como um "ser inferior", ela detalhou minuciosamente quais eram as conseqüências funestas que continuavam a resultar de tais opiniões, tanto para mulheres como também para homens. Indubitavelmente, a sua análise foi um dos motivos principais para a formação de uma nova consciência acerca do status e do papel da mulher na Europa e no mundo inteiro.



Ensaio de uma análise do sexismo

2.2.

O livro de Bárbara Bovee Polk apresenta quatro maneiras diferentes de enfrentar o sexismo na sociedade. Embora o trabalho inicial de Simone de Beauvoir represente uma síntese destas tendências, várias outras pesquisadoras acentuam antes esta ou aquela tendência,

respectivamente a combinação de duas ou três delas. Os temas e os pontos de vista específicos, defendidos por cada uma das tendências, são elencados em seguida.

• **Os papéis dos sexos**

Esta aproximação se baseia na análise sócio-psicológica dos diferentes papéis atribuídos aos sexos. Pressupõe que a opressão da mulher seja o resultado direto da aceitação de papéis sexuais socialmente definidos. Esta teoria chega às seguintes conclusões:

- *** Sistemas sociais tendem a atribuir certas condutas, inclinações e interesses a um ou ao outro sexo.
- *** Como nas diversas sociedades variam as definições daquilo que seja “masculino” ou “feminino”, está claro que tais definições são arbitrárias. Baseiam-se em fatores sociais, não em fatos biológicos.
- *** Papéis sociais são sistematicamente reforçados e apoiados por instituições e estruturas sociais (p.ex. família, escola, Igreja, meios de comunicação, economia, política, leis).
- *** Quando indivíduos não se conformam com os papéis que lhes são atribuídos, muitas vezes não são tomados a sério ou são considerados doentes.
- *** O papel masculino tem um status mais elevado, traz recompensas sociais e garante acesso a outros status altamente valorizados.
- *** Homens têm poder sobre mulheres em consequência da definição dos papéis dos sexos. “Poder” e “razão” caracterizam o papel masculino, enquanto “fraqueza” e “emoção” se atribuem ao feminino.
- *** Distribuição do trabalho de acordo com o sexo é um elemento importante da estrutura. Ficam separados os setores da produção e da reprodução; as mulheres pertencem ao último.

• **Diferenças básicas de valores: a cultura masculina dominante e a cultura feminina alternativa**

Sob este ponto de vista, focaliza-se menos a diferença entre os papéis sexuais do que a importância dada a valores básicos, atribuídos a cada um dos sexos. A opinião de que as mulheres seriam capazes de melhorar a sua situação



se assumissem papéis masculinos é uma solução falsa. Antes, trata-se da tendência de acentuar valores que supostamente diferenciam homens e mulheres, definindo e promovendo-os. Assim, destacam melhor os aspectos positivos de uma cultura feminina, parecendo a muitos ser mais centrada na mulher (ginocêntrica) do que outras tendências.

Essencialmente, essa tendência baseada na diferença de valores significa:



- *** Geralmente, valores são atribuídos segundo o sexo. São considerados “valores masculinos” aqueles que demonstram agressividade, independência, reflexos rápidos etc., enquanto passividade, dependência, disponibilidade são características “femininas”. Na realidade, nenhum destes valores é, por natureza, masculino ou feminino, mas todos igualmente são determinados socialmente, baseados na definição dos papéis sexuais. Todos são qualidades importantes.
- *** Atribui-se mais importância a valores masculinos, porque representam os valores da cultura dominante e proeminente da sociedade. São considerados o padrão da idade adulta e da normalidade.
- *** As mulheres são desvalorizadas por encarnarem uma cultura alternativa. Os homens são como que colonizadores, pois conquistam para si mentes e corpos das mulheres como uma “cultura alheia”.
- *** Por via de regra, os homens são socializados de acordo com o sistema masculino de valores. As mulheres, porém, recebem uma dupla socialização, pois, para sobreviver numa cultura masculina devem conhecer ambos os sistemas.
- *** A confiança exclusiva dada a valores masculinos provoca uma crise social. A incapacidade de reconhecer que todas as qualidades humanas dependem fundamentalmente umas das outras faz com que surjam instituições e sistemas que não conseguem admitir que todas as necessidades e sentimentos humanos tenham o mesmo valor.

• **As relações de poder entre homem e mulher**

A teoria da “análise do poder” não nega a importância dos papéis sexuais e das diferenças de valores na opressão da mulher. Mas afirma que os diferentes papéis e valores são sintomas da opressão, não, porém, a sua causa. A teoria concentra-se no poder exercido pelos homens e não tanto na maneira como eles adquirem esse poder. A análise do poder constata:

- *** Os homens possuem poder e privilégios em virtude de seu sexo. Com isso, têm a possibilidade de oprimir as mulheres, das maneiras as mais diversas, e de fato o fazem.
- *** É do interesse dos homens conservar o poder e os privilégios. A possibilidade de oprimir a outros significa mais poder, independentemente do fato se o homem, ele mesmo, esteja ou não oprimido.
- *** Os homens ocupam as posições de poder político e econômico na sociedade, excluindo delas as mulheres.
- *** O matrimônio é usado como instituição de escravatura pessoal e sexual.
- *** Ainda que os homens, muitas vezes, sejam oprimidos pelo sistema em que vivem, não são, no entanto, oprimidos tanto quanto as mulheres, simplesmente por causa de seu sexo.
- *** Os homens podem oprimir as mulheres pelo emprego da força brutal, mas também por meios sutis de violência: restringindo seus direitos políticos, suas opções profissionais, seu acesso à formação, assim como o acesso à independência financeira.



• **A exploração econômica**

Esta teoria vê na opressão da mulher uma consequência destrutiva e desumanizante de um sistema econômico explorador. Portanto, considera o Socialismo a condição básica para a libertação da mulher. Essa tendência socialista defende as seguintes opiniões:

- *** A opressão da mulher procede de uma concepção sócio-econômica: a mulher é a “propriedade” do homem. Na medida em que a idéia de propriedade particular é fundamentalmente ligada a estruturas capitalistas, a opressão da mulher está diretamente relacionada com o capitalismo.
- *** O capitalismo é favorecido pelo sexismo, porque ganha dois trabalhadores pelo preço de um. A mulher não é paga pelo trabalho doméstico que realiza, para que o marido possa trabalhar.
- *** Mulheres são mão-de-obra barata. Por igual rendimento recebem menos salário. A sua baixa remuneração mantém os salários baixos e aumenta os lucros dos empresários.
- *** A luta pela libertação das mulheres não se deve distanciar dos outros movimentos de libertação, senão serve ao sistema capitalista.





Já foi mencionada a influência negativa que uma certa interpretação da história da Criação e do pecado original pode exercer. Convém aprofundar este aspecto um pouco mais.

Feminismo cristão ou sexismo na Igreja

3.1.

Com o doutorado em filosofia e teologia da universidade de Friburgo/Suíça, Mary Daly voltou aos Estados Unidos em 1968 e publicou um livro com o título *"The Church, Women and the Second Sex"* (= "Igreja, mulheres e o segundo sexo"). Na sua obra, Mary Daly comenta profusa e detalhadamente a cumplicidade das Igrejas cristãs, principalmente da Igreja Católica Romana, em promover uma imagem do sexo feminino que, de um lado, idealiza a mulher e, de outro lado, a humilha.

Seguiam-se obras importantes de outras teólogas, biblistas e historiadoras. Na Igreja, no mundo acadêmico e na sociedade chamaram muita atenção; pois ousavam desmascarar algumas das realidades amargas e trágicas pelas quais a Igreja era co-responsável, por tomar atitudes ambíguas ou guardar silêncio. As pesquisadoras demonstraram como a discriminação da mulher dentro da Igreja contribui para uma maior discriminação dela na sociedade cristã em geral.

Impõe-se a conclusão de que a exploração sexual, a difamação moral e a sujeição social da mulher através da história têm dimensões religiosas. Irresponsabilidade pastoral, humilhação pessoal e repressão espiritual, exclusão do ministério sacerdotal e o terrorismo da inquisição são algumas das experiências sofridas por mulheres cristãs através da história.

Exemplos de todos os séculos comprovam a existência constante e muito difundida do "demônio do preconceito sexual". A Igreja foi



acusada, não apenas como instituição histórica, mas também como “corpo vivo de Cristo”. Ela se vê diante do encargo de exorcizar este “demônio”, em todas as suas formas. Convém acrescentar, porém, que no curso das últimas três décadas, muitas Igrejas locais e conferências episcopais assumiram, totalmente ou em parte, tal responsabilidade.

Muitos teólogos e teólogas começam a repensar as influências dominantes de maneira totalmente nova. Procuram pelo “rosto feminino de Deus”, pelo lugar da mulher no plano da criação e pelo significado da redenção para mais que a metade da humanidade. E assim, além dos assuntos tratados por teólogos da libertação, voltam sempre de novo aquelas questões de fé e de justiça que refletem de modo singular as experiências das mulheres.



A conscientização da mulher na Igreja

3.2.

O aparecimento do feminismo cristão ocidental na Europa aconteceu simultaneamente com a evolução da Teologia Política e da Teologia da Libertação na América Latina, da Teologia Negra nos Estados Unidos e de várias Teologias Indígenas na África, Ásia e Oceania. Em cada continente, novas vozes teológicas assumiram o compromisso profético da Igreja: *“Qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser superada e eliminada”* (GS 29).

Ao passar do tempo, as mesmas vozes, individual ou coletivamente, começaram a colocar uma interrogação muito séria e a confrontar o povo de Deus com um desafio importante: Se discriminações sociais contradizem ao plano de Deus, então as discriminações dentro da própria Igreja não são elas também um distanciar-se de Cristo e uma chaga no corpo de Cristo?

Inspiradas pelo Evangelho e animadas pelos documentos do Concílio Vaticano II, teólogas no mundo inteiro, entre elas muitas sendo as primeiras mulheres com títulos acadêmicos em teologia, chamaram a atenção da Igreja para o escândalo e as conseqüências devastadoras do sexismo.

Uma vez que existe uma inter-relação fundamental entre todas as formas de discriminação e opressão humana, as teólogas lutaram por reforçar os laços de solidariedade entre todos



os seres humanos. Apon-
tar certas formas de dis-
criminação seriíssima que
acontecem em outras cul-
turas, mas que, nem por
isso dispensa da luta pe-
los direitos da mulher na
própria cultura. A
marginalização de mulhe-
res, obrigadas a prostituir-
se para poder alimentar
seus filhos, a exploração
de diaristas nas fábricas,
de domésticas nas casas
particulares e de trabalha-
doras rurais no campo,
todas elas estão em cone-
xão direta com a exclusão
da mulher dos ministérios
da Igreja. Qualquer justi-



ficação religiosa da marginalização, subjugação e exclusão de mulheres - por causa do simples fato de serem mulheres e não homens, - prejudica a dignidade e o valor de cada mulher e acaba ameaçando até a dignidade e o valor de qualquer pessoa humana.

O desafio causado pelo aparecimento de teólogas

3.3.

Nos últimos anos, uma literatura sempre mais volumosa sobre o papel e o *status* da mulher dentro da Igreja forneceu fontes escritas e novo material para a reflexão. Neste setor, as contribuições científicas e pastorais de teólogos/as e ministros/as católico-romanos/as eram consideráveis. Encontraram, porém, tanto dentro da Igreja como fora dela, igualmente aplausos e críticas.

Conduzidas por uma "hermenêutica de suspeita"⁴, biblistas femininas de renome insistem na necessidade absoluta de se fazer uma re-elaboração histórico-crítica da história das mulheres e das suas contribuições no início do cristianismo. Pois só assim as mulheres podem reconquistar o lugar que lhes compete realmente na tradição cristã. Androcentrismo, patriarcalismo e misoginia tiveram sua influência no desenvolvimento do cristianismo, na

⁴ Grego: *hermeneuo* = a leitura de um texto sob determinados pontos de vista, ou seja, a leitura da Bíblia sob a suspeita de que o rosto da mulher na história foi encoberto.



sua historiografia e interpretação da Sagrada Escritura. Isso levou a uma tradição contínua, em que a maior parte das mulheres foi silenciada, tornada invisível e/ou apresentada como suspeita.

A compreensão crescente destas concatenações fundamenta para mulheres modernas a exigência urgente e irrecusável de transformações, pois elas reclamam de volta o que lhes foi roubado ou negado. Elisabeth Schüssler-Fiorenza comenta: *“Reclamar a restituição da história da mulher como uma parte inte-*

gral da história da Igreja primitiva significa buscar, em solidariedade com as nossas irmãs que nos precederam, as nossas raízes e recordar-nos também de seus sofrimentos e lutas, assim como de sua força como mulheres” (*“Zu ihrem Gedächtnis”*, p.19).

Muitos teólogos e agentes pastorais concordam em que uma reconstrução das origens do Cristianismo seja de suma importância para lidar com o sexismo na Igreja. Enquanto o sexismo, junto com muitas outras formas de discriminação, continua sendo considerado *“em conformidade com a Escritura”*, recebendo assim uma justificação, o ministério doutrinal da Igreja arcará com a responsabilidade. Textos bíblicos têm que ser entendidos a partir de sua intenção fundamental, para libertar o povo de Deus e não para oprimi-lo.

Feministas cristãs buscam uma autêntica espiritualidade que leva a sério o seu *“ser humano”* como mulheres e como pessoas criadas segundo a *“imagem de Deus”*. Logicamente, criticam o predomínio da imagem masculina de Deus, pois esta imagem tem o poder de reforçar atitudes sexistas. A obra de Rosemary Radford Ruethers mostra, entretanto, que não se trata nem de uma luta de iconoclastas nem da negação da tradição. Trata-se antes da tentativa de redescobrir o rosto feminino de Deus nos textos bíblicos e na literatura espiritual secular.

A reconstrução das origens do cristianismo e a redescoberta do rosto feminino de Deus tem conseqüências significativas para a comunidade dos cristãos. No relacionamento prático com o sexismo, sentenças teológicas são avaliadas e apuradas, e a Igreja inteira é desafiada por novos conhecimentos. Ela tem que aprender na prática o que significam a vida e a morte, paz e guerra, amor e ódio, redenção e pecado, criação e destruição, cólera e serenidade, libertação e opressão, poder e falta de poder, esperança e desespero, saúde e doença, fé e descrença, observando tudo isto sob a perspectiva da mulher. Enquanto a Igreja não leva a sério a perspectiva feminina, ela é co-responsável pelo fato de que inúmeras mulheres continuam condenadas ao silêncio, marginalizadas longe do convívio da sociedade.





O sexismo é um grande desafio para a família franciscana que tem que perguntar-se a si mesma se ela também está acostumada a adotar idéias e mecanismos sexistas. Somente depois de livrar-se de tais preconceitos, ela poderá dar um testemunho autêntico de fraternidade.

O apelo a sermos irmã e irmão um para o outro

4.1.

Para nós, franciscanas e franciscanos, faz parte da imitação de Jesus a convicção de que todos os seres humanos são irmãos e irmãs entre si. Somos chamados a partilhar a realidade e a situação de vida, a fé e a autoconsciência daqueles com os quais convivemos e aos quais queremos servir.

Isto, porém, não basta. Devemos enfrentar também seus medos e seus ressentimentos, as humilhações que sofrem e a marginalização que os oprime, assim como Francisco fez, quando teve misericórdia dos leprosos expulsos do convívio da sociedade de Assis. Desta maneira, vamos poder ajudar a sanar a separação entre os sexos. Como irmãos e irmãs, membros da mesma família, podemos dar testemunho de que mulheres e homens são capazes de conviverem juntos de modo criativo. Na família franciscana, porém, há situações que temos que analisar à luz de novos conhecimentos que ganhamos de um estudo mais aprofundado das fontes franciscanas.

• *O clericalismo*⁵

A estes problemas pertence o clericalismo, tanto na Igreja como na Primeira Ordem Franciscana. O termo "clericalismo" designa o exercício de poder por um determinado grupo, baseado em sua posição religiosa privilegiada. Em geral, o sacerdócio é ligado ao poder, a privilégios e prestígio. Este fato tem que ser questionado criticamente a partir da Bíblia e da tradição franciscana, mormente a partir da perspectiva de nossos irmãos leigos e das mulheres.

O clericalismo é uma forma de opressão eclesial. Manifesta até que ponto o status, os valores, o poder e as vantagens econômicas possam levar um membro do clero a realçar-se

⁵ Grego: *kleros* = Los; parte; *clérigo* = membro do clero; *no fundo* = posição privilegiada

acima de outros que não pertencem ao clero. Recentemente, chegamos a nos dar conta disso de modo especialmente flagrante. Pois, somente após uma luta de longos anos, conseguimos que a Primeira Ordem Franciscana fosse reconhecida como "Primeira Ordem de Irmãos", que não se define nem como uma Ordem clerical, nem como uma congregação de leigos.

Francisco era diácono, pertencendo deste modo ao status clerical. Mas a convicção de ser um "irmão" era básica na sua comunidade. Francisco não permitiu que os sacerdotes reclamassem direitos especiais para si, que não eram lícitos aos irmãos não ordenados. Duas anedotas da vida de Frei Egídio ilustram este ponto. A primeira destas anedotas critica a teologia clerical comparada à oração simples de uma velha; a segunda critica o sermão clerical na perspectiva de um leigo inculto, com quem Clara de Assis se identificava:



"Numa certa ocasião, Frei Egídio disse ao Irmão Geral Boaventura: 'Meu Pai, Deus lhe deu muitas capacidades que nós não temos recebido. Portanto, o que devemos nós, ignorantes e estúpidos, fazer para sermos justos?' O Geral lhe respondeu: 'Se Deus não dá outro dom além da capacidade de amar, isto seria suficiente!' E Frei Egídio voltou a perguntar: 'Será que uma pessoa sem instrução pode amar a Deus tanto quanto uma pessoa culta?' E o Geral respondeu: 'Uma velha é capaz de amá-Lo mais do que um professor de teologia.' Cheio de admiração Frei Egídio levantou-se e foi ao jardim, donde se via a cidade e exclamou: 'Velhinha pobre, simples e ignorante, tu amas o Senhor mais do que o Irmão Boaventura!' Muito emocionado ele ficou imóvel durante três horas, meditando sobre isso" (DEg).

A segunda história relata: *"Uma vez, um frade, professor de teologia oriundo da Inglaterra, pregou na presença de Santa Clara e de Frei Egídio no Convento de São Damião. No meio do sermão dele, Frei Egídio o interrompeu muito emocionado: "Cale, professor! Cale, pois quero falar!" Imediatamente o outro se calou, e, cheio do Espírito de Deus, Frei Egídio encontrou palavras deliciosas. Após alguns instantes ele se dirigiu ao professor dizendo: 'Irmão, termine agora o sermão que eu comecei!' E, de fato, o professor voltou a falar e terminou seu sermão. Ao observar isso, a bem-aventurada Clara exclamou jubilosa: 'Gostaria muito que os clérigos entre meus irmãos tivessem a humildade de interromper os seus*



discursos teológicos quando um leigo quer falar! Digo-lhes, ó meus irmãos, este teólogo me edificou mais do que se tivesse ressuscitado mortos!” (VidEg).

• **A interpretação masculina das fontes**

Durante séculos, os escritos de Francisco e as fontes franciscanas primitivas foram pesquisadas, traduzidas e estudadas sobretudo por homens, pressupondo-se que as descobertas feitas por franciscanos sábios e instruídos seriam válidas igualmente para todos os membros da família franciscana. Mas, como as opiniões mantidas por homens não são necessariamente normativas também para mulheres, esta situação conduziu à uma visão unilateral na formação teológica e na direção espiritual das irmãs.

Segundo o moderno ponto de vista, esse procedimento ficou travando e obstruindo a formação das irmãs, sendo possivelmente também presunçoso e irresponsável. Somente quando se começou a alargar o horizonte intelectual e o respeito pelas intuições teológicas e espirituais das mulheres, foi possível abrir um acesso não-sexista às fontes.

Há mais uma dimensão a ser levada em consideração: nos últimos anos, um número crescente de mulheres, membros da Segunda e da Terceira Ordem, juntaram-se aos homens nos estudos científicos e nas aplicações pastorais das fontes franciscanas, provando que uma leitura dos textos franciscanos, conforme a maneira masculina, reforçava ainda mais a inclinação à misoginia no modo de pensar e na ação dos franciscanos (cf. RegNB 12; 2Cel 112ss.; LM V.5).

Seus estudos e pesquisas, porém, mostraram também como uma investigação cuidadosa dos escritos possibilita uma visão mais justa das fontes franciscanas.

• **O modo de tratar as fontes**

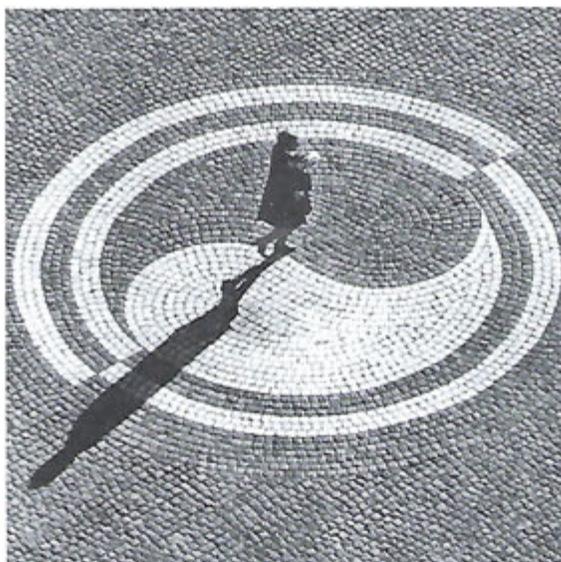
No item 1.2. citamos das fontes franciscanas um incidente, onde a mulher é identificada com o mal e o pecado. Uma orientação tão negativa é fundamentada no medo dos homens de serem seduzidos por mulheres e de chegar a ser dependentes delas.

Lendo estes trechos hoje em dia, as seguintes reações são possíveis:

- *** Se aceitarmos das fontes franciscanas a imagem negativa da mulher, então seremos incapazes de conversão e de mudança de opinião.
- *** Se resolvermos deixar nas fontes franciscanas a imagem ambígua da mulher assim como está, então estaremos promovendo inconscientemente o sexismo, que se reflete nesta imagem.
- *** Se estamos convencidos de que, de fato, a imagem da mulher foi desfigurada nas fontes, mas continuamos na vida concreta a manter esta imagem como se fosse válida e verdadeira, então continuamos a contribuir à desvalorização da mulher.

*** Se estamos realmente convencidos de que elementos valiosos e salvíficos foram obstruídos a ponto de serem irreconhecíveis pela maneira de interpretar as fontes, então estamos obrigados a reconstruir a tradição e a ler as fontes de maneira nova.

A partir do nosso ponto de vista moderno, somente a última reação é admissível e responsável.



4.2. A reconstrução das fontes franciscanas

4.2.

Quando se trata da relação que Francisco manteve com as mulheres, então é preciso observar também a sua atitude frente ao poder, aos privilégios e ao prestígio.

Francisco e Clara e sua ética de compaixão

Segundo a opinião da psicóloga norte-americana Carol Gilligan, cada indivíduo se vê na necessidade de optar nas suas decisões, de modo preponderante ou no sentido da justiça, ou no sentido da compaixão. Ela afirma que, em consonância com as condições culturais, nos homens predomina a senso de justiça e nas mulheres, sobretudo, o sentido de compaixão.

O sentido de justiça é regulado por direitos, leis e regras da concorrência. A ética da compaixão, por sua vez, é determinada por relações, responsabilidade e colaboração.

A convicção de Francisco, que escolheu a "minoritas" (= minoridade) (cf. RegNB 2: LM 26) e uma autoridade servidora, é marcada por uma interpretação joanina do "discipulado" (Jo 13,1-20; cf. LM XIV.5; 2Cel 217). A partir daí, ele define o poder, a autoridade e a obediência. O papel e a função que deu ao "ministro" (= servidor, em latim) se distingue radicalmente do papel tradicional de um "prior" (= primeiro, em latim) (cf. RegNB 4; Adm 4). Assim, Francisco criou uma alternativa às estruturas hierárquicas que vigoravam nas outras Ordens e comunidades do seu tempo.

Tanto Francisco como Clara procuravam propagar e cultivar o discipulado de iguais,



segundo o testemunho dado por Jesus. Portanto, incluíram nas suas respectivas Regras tanto a ética da justiça como também a ética da compaixão.

A capacidade que os dois tiveram de enxergar a vida a partir de uma “perspectiva materna” impulsionou-os a acentuar tanto a responsabilidade como o desvelo, além do senso de justiça (cf. RegNB 4; RegB 10). Deram muita importância às relações que havia entre os irmãos ou entre as irmãs. Para eles, a importância de instituições e estruturas é inegável, porém, mais importante ainda são as relações (cf. RegNB 5; RegB 10).

O conceito de fraternidade entendido por Francisco era independente do comportamento positivo ou da insuficiência dos irmãos (cf. RegB 11). Na vida comunitária, Francisco deu mais importância a relações autênticas do que ao desejo de comportar-se corretamente conforme a ética da justiça (cf. Adm 3).

Hoje em dia, ao refletir sobre o que significa “minoritas” (= minoridade), temos que incluir mulheres entre os mendigos, leprosos, excluídos e marginalizados. Desta maneira, a solidariedade com as mulheres e “a vida no meio delas” (cf. RegNB 9,2; 16,3), torna-se uma questão central, a saber, o que significa para a família franciscana, quando mulheres têm que assumir o papel de “minores” na Igreja e na sociedade, não por livre escolha, mas obrigadas por estruturas de opressão? Como irmãos e irmãs, temos a chance de crescer com este questionamento pela ética da justiça e da compaixão.



• **Solidariedade e resistência contra o patriarcado: Francisco, Dona Pica e o Bispo Guido**

No conjunto dos pensamentos feministas, a crítica do patriarcado faz parte das novas intuições. O relato sobre a perseguição que Francisco sofreu por parte do seu pai aparece sob uma nova luz. O pai, Bernadone, procura impor seus desejos e planos mediante humilhações, sujeição e violência física (cf. 1Cel 12; Leg3C 17; LM II.2). Francisco recusava deixar-se dominar de maneira pessoal, política, econômica ou religiosa, recusando igualmente o poder, os privilégios e o prestígio do pai.

Neste conflito entre pai e filho, Dona Pica, solidária com seu filho, virou-se contra o marido, plenamente consciente do risco pessoal decorrente desta sua decisão (cf. 1Cel 13; Leg3C 18b; LM II.3). Porque libertou seu filho da prisão das cadeias paternas, também ela era maltratada pelo marido, que via na sua mulher uma “colaboradora” com o “inimigo”, i.é, seu filho Francisco.

Quando Pedro Bernadone vê o seu poder doméstico contestado e minado, procura uma decisão jurídica. Uma vez que Francisco já estava sob jurisdição eclesiástica, Pedro Bernadone dirigiu-se ao Bispo Guido, um homem patriarcal e privilegiado, que devia confirmar em nome de Deus a autoridade, a honra e as exigências do pai.

Mas, contra toda expectativa, o Bispo Guido tomou o partido de Francisco, bem consci-

ente de que esta maneira de agir contradizia a tradição que a Igreja costumava seguir. Evidentemente, teria sido possível ao bispo recusar-se a resolver a questão, mas após o seu encontro com Francisco, já não conseguia mais tirar uma outra conclusão.

Também nós temos que decidir-nos quando estamos confrontados com injustiças tradicionais, derivadas de estruturas patriarcais, bem semelhantes aos que Francisco, Dona Pica e o Bispo Guido tiveram que resolver. Quem procura ficar fora, evitando definir-se, não mantém a neutralidade, mas se torna cúmplice dos objetivos e das intenções dos poderosos.



• **Contra a violência doméstica: a mulher anônima**

Na história da nobre mulher anônima, tratada cruelmente por seu marido (cf. 2Cel 38; LegPer 27; LM XI.6), o acento principal parece estar na conversão do marido. Mas lido com os olhos de uma mulher, o incidente central é o diálogo de Francisco com uma vítima de violência doméstica. Uma esposa se sente chamada à continência, entrando por causa disso em conflito com o marido.

Com sua intervenção, Francisco consegue convencer o homem de que a esposa tem o direito de viver a sua vocação e de decidir sobre seu próprio corpo. Os dois acabam entrando no movimento dos penitentes, a Terceira Ordem Franciscana.

• **Repensando a marginalização das mulheres: Dona Jacoba, Clara e suas companheiras**

A história do "Irmão Jacoba" ocupa lugar especial na tradição franciscana: um exemplo de como Francisco podia "suspender" a Regra por ele mesmo ordenada, que excluía as mulheres do direito de visitar a Porciúncula (cf. 3Cel 37ss.; LegPer 101).



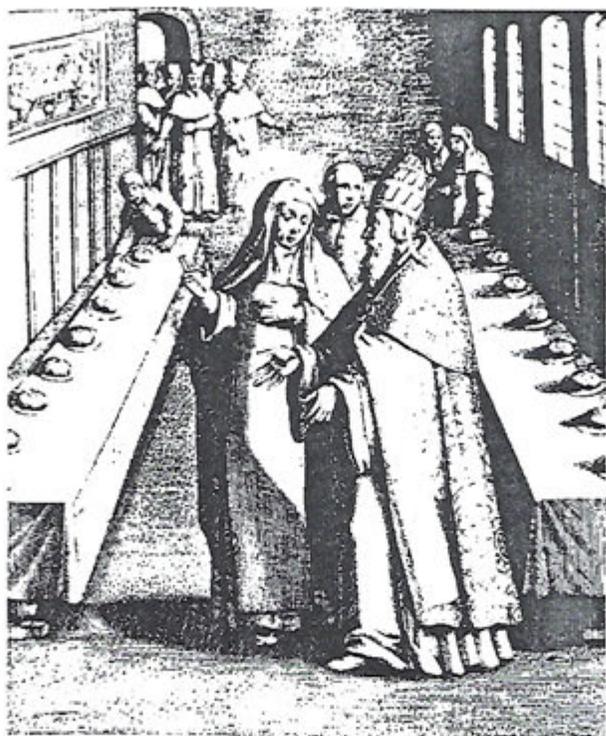
Também à conversa que, segundo se diz, houve entre Francisco e seus irmãos a respeito da refeição com Clara e suas companheiras, suscita a pergunta pelos motivos e as circunstâncias da “Regra” e suas “exceções” (cf. Fior 15).

Para Jacoba, Clara e suas companheiras abriram-se as portas da clausura. Por causa de um motivo, válido naquela época, a Regra perdeu aqui o seu vigor, demonstrando a maneira soberana com a qual Francisco tratava as regras. A exclamação: “Abram a porta e deixem-na entrar, pois nosso Irmão Jacoba não precisa observar as determinações contra as mulheres!” ressoa ainda hoje.

A partir de uma visão moderna, porém, devemos insistir que esta atitude não exige uma “mudança de sexo”. Em princípio, a marginalização das mulheres, por serem mulheres, já não pode ser lícita na família franciscana.

● Reconhecimento da liderança espiritual de mulheres: Clara

O nosso conhecimento e a nossa compreensão de Clara têm crescido nos últimos anos. Nos seus escritos, ela se mostra uma mulher forte, uma companheira na caminhada espiritual. O próprio Francisco procurava seu conselho (cf. Fior 16). Durante toda sua vida, ela resistiu à autoridade eclesiástica para defender sua convicção acerca da pobreza. Obviamente, Clara era mais do que a “plantinha” de São Francisco. Também para o Papa Gregório IX, Clara representava uma autoridade espiritual. Por isso, pediu que ela abençoasse o pão na mesa quando ele veio de visita a São Damião (cf. Fior 33). A liderança espiritual que Clara



exercia se mostra, sobretudo, na sua correspondência com Santa Inês de Praga. Como mulher, ela acompanhava o itinerário espiritual de Inês e a apoiou na sua luta pela sua independência espiritual:

“Nunca percas de vista o teu ponto de partida. Conserva o que tens; continua fazendo o que fazes agora. Não te detenhas; antes avança com confiança e alegria, em rápida carreira,

passo ligeiro e pé seguro, pelo caminho da bem-aventurança que te espera, sem permitir que nem sequer o pó da terra retarde a tua marcha. Não acredites, nem consintas em nada que possa afastar-te do teu ideal ou ser uma barreira no teu caminho, para cumprir os votos ao Altíssimo (cf. Sl 50,14) com a perfeição à qual o Espírito Santo te chamou” (2Ctln 3).

Com mais clareza ainda, manifesta-se a autoconsciência feminina de Clara na sua Regra. Pela primeira vez na história, uma mulher escreve uma Regra para mulheres. Na formulação de sua bênção, ela escolhe a maneira feminina de falar, uma coisa absolutamente desconhecida e inusitada na formulação tradicional da Igreja.

Texto da Bênção:

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Inês, minha irmã e minha filha: O Senhor te abençoe e te proteja; mostre a sua face e se compadeça de ti; volte para ti o seu rosto e te dê a paz (Nm 6,24-26).

Eu, Clara, serva de Cristo, nosso Senhor, plantinha de nosso Pai São Francisco, tua irmã e mãe e de todas as irmãs pobres, embora indigna, rogo, pela misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo e pela intercessão de sua santíssima Mãe Maria, de São Miguel Arcanjo e de todos os seus santos, de nosso Pai São Francisco, e de todos os seus santos seguidores, homens e mulheres, que o Pai do céu te dê e te confirme nesta santíssima bênção no céu e na terra: na terra, fazendo-te crescer na graça e nas virtudes no meio de seus servos e servas da sua Igreja militante; no céu, elevando-te e glorificando-te entre os seus santos e santas no meio da Igreja triunfante.

Eu te bendigo, durante a minha vida e depois da minha morte, enquanto posso, e mais do que posso, com todas as bênçãos com as quais o Pai de misericórdia abençoou e abençoará no céu e na terra os seus filhos e as suas filhas, e com as quais um pai espiritual e u’ã mãe espiritual têm abençoado seus filhos e suas filhas espirituais. Amém.

Conserva sempre o amor de Deus em ti mesma e em todas as tuas irmãs. Rogo-te que observes firmemente o que prometestes ao Senhor. Que o Senhor sempre esteja contigo e que tu também estejas sempre com Ele. Amém.”



• O rosto feminino do Crucificado: a Senhora Pobreza.

No contexto da opção pelos pobres, há um livro fascinante que fala da “Senhora Pobreza”. Esta obra, conhecida sob o nome: “*Sacrum Commercium*” (= União de São Francisco com a Senhora Pobreza), surgiu nos meados do século XIII. Até agora, foi entendida de maneira por demais estreita como uma referência à virtude da pobreza. Lida, porém, através de olhos femininos, outros aspectos aparecem.

Antes de estudar o livro mais a fundo, queremos concentrar o interesse num certo crucifixo de madeira, provavelmente do século VIII, chamado o “*Volto Santo*” (= o rosto sagrado) que se encontra na Itália, na catedral de Lucca. Nesta representação, o Cristo é vestido de uma longa túnica, como de um paramento sacerdotal. Cópias feitas do venerável crucifixo foram levados por comerciantes até a França, a Holanda e a Alemanha setentrional. O interessante é que as feições do crucificado parecem muito femininas.

Uma lenda, que surgiu no século XII, fala de uma certa santa que foi crucificada e cujo nome era em alemão medieval: “*Aflição*” ou “*Wilgefortis*”, (= vontade forte, santa). A lenda conta que Wilgefortis, filha de um rei pagão, devia desposar um certo príncipe que queria casar-se com ela. Ela, porém, havia prometido fidelidade a Cristo e recusou a proposta de casamento. Indignado com sua resistência, o pai a encarcerou. A moça pediu ao Cristo que a desfigurasse, para tornar-se menos atraente. De fato, Wilgefortis tinha de repente uma barba no rosto. De castigo, o pai a fez morrer crucificada.

O culto desta santa tão estranha se espalhou pela Europa e ficou conhecido e popular até o século XIX. Existem ainda hoje cerca de mil testemunhos escritos ou iconográficos, além de capelas e imagens votivas dedicadas a ela. O nome desta mitológica santa popular entrou no Martirológico Romano com uma festa especial no dia 20 de julho.

Evidentemente, trata-se de um desejo profundo do povo cristão de ver superadas ou eliminadas, num sentido positivo, as fronteiras da sexualidade.

Reproduzimos aqui um quadro votivo da santa que demonstra o carinho que marca esta devoção. O quadro, obra da segunda metade do século XVIII, foi doa-



do em agradecimento por uma oração atendida. A mulher agradecida, que havia solicitado a graça, está representada de joelhos ao pé da cruz com um recém-nascido nos braços. Hoje em dia, encontram-se, com freqüência, imagens do Crucificado que superam os limites da sexualidade, ignorando-as. Conhecem-se tanto na África, como na Ásia, na Oceania e na América certos crucifixos que representam feições características das respectivas culturas. Assim, do mais fundo do imaginário religioso feminino, emerge o Crucificado com rosto feminino. Um exemplo: a controversa *“Christa”*, quadro feito por um pintor inglês nos anos 80. Possivelmente, há ainda outras analogias com a *“Senhora Pobreza”*.

Ultimamente, passagens bíblicas, citadas no *“Sacrum Commercium”*, ganharam nova significação à luz da exegese moderna. Freqüentes vezes, a atividade e a atitude da Senhora Pobreza são colocadas em paralelo com a ação de Deus. A experiência dos irmãos franciscanos com a *“Senhora Pobreza”* assemelha-se de forma impressionante, às relações que havia entre os profetas de Israel e seu Deus Javé.

O gênero literário, onde Francisco desposa a Senhora Pobreza, está em consonância com a literatura sapiencial, sobretudo com o Cântico dos Cânticos. O amado se torna com a amante *“uma só carne e um só espírito”* (cf. 2Cel 55; 70). Portanto, a *“Senhora Pobreza”* está unida essencialmente ao Cristo. Ela é a esposa amada, com quem ele firma uma união indissolúvel.

Vale também, recordar como a Bíblia fala da Sabedoria (= Sophia). Hoje prevalece a opinião de que ela representa o rosto feminino de Deus. Com o mesmo direito, pode-se afirmar que a *“Senhora Pobreza”* representa o rosto feminino do Crucificado.

“Tu, porém, esposa fidelíssima, amiga dulcíssima, em momento nenhum te afastaste dele; mas, tanto mais te aproximaste dele, quanto mais o vias desprezado pelos outros. E se não tivesses estado tanto com Ele, nunca poderia ter sido tão desprezado por todos” (SCom 20).

“Não o abandonaste ‘até a morte, e morte de cruz’ (Fl 2,8). E na cruz mesma, com o corpo já despido, com os braços esticados, mãos e pés transpassados, tu sofrias com Ele, de tal modo que nele não aparecia nada de mais glorioso do que tu” (SCom 21).

Mulheres aprenderam identificar-se com o Crucificado. Isto levou freqüentemente à passividade e ao silêncio frente à injustiça e a opressão em geral, e ocasionou até à aceitação da própria opressão pessoal. A *“Senhora Pobreza”*, entretanto, forneceu uma imagem libertadora de um sofrimento salvador, nascido da solidariedade e da resistência, unindo-se de modo destemido e apaixonado ao mistério da Cruz. Com sua existência inteira, aceita o Deus encarnado e o abraça como *“mulher”*, vendo nEle os próprios sofrimentos.

Pela sua radical e amorosa união com o Crucificado, a Senhora Pobreza anima os Irmãos a deixarem para trás toda presunção e auto-suficiência, encorajando igualmente as suas Irmãs a ultrapassarem a aflição e o desespero.

“Não vos assistem a grandeza do empreendimento e a enormidade do esforço, porque



tereis uma grande recompensa. Tendo o olhar fixo no autor e consumidor de todos os bens, o Senhor Jesus Cristo, que, em vez do gozo que se lhe oferecera, suportou a cruz (Hb 12,12), não reparem na vergonha, 'conservando-vos firmes e apegados à sua esperança' (Hb 10,23). 'Correi à luta que vos é proposta' na caridade (Hb 12,1). Correi com paciência, a qual vos é muito necessária, 'para que, fazendo a vontade de Deus, alcanceis a promessa' (Hb 10,36)" (SCom 66).



Conclusão

5.

Na presente lição, trata-se da tentativa de reconhecer os preconceitos, distorções e pontos cegos que nos perturbam a vista e nos impedem de seguir a Cristo. O sexismo é um pecado social tão largamente difundido como o racismo, o classismo e o militarismo.

No nosso desejo, de cunho franciscano, que quer dar testemunho da comunidade do amor divino da Ss. Trindade,

os aspectos libertadores que desenvolvemos em nossas várias culturas possibilitam a participação plena e a dignidade humana de todos os irmãos e irmãs.

Estamos profundamente convencidos de que "somente na entrega recíproca poderemos realizar este ideal da nossa vocação franciscana" (Mattli 2). Neste sentido, vamos aceitar o desafio de combater o sexismo em todas as suas formas manifestas ou ocultas. Temos que assumir uma opção preferencial em defesa da mulher oprimida.



Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Lc 18,15ss.; 24,1-10; Mt 28,1-10; Jo 8; 13,1-20
Documentos da Igreja	GS 29
Fontes	Adm 3ss.; RegNB 2; 4-6; 12; RegB 10ss.; 1Cel 11ss.; 2Cel 38; 55; 70; 112ss.; 217; 3Cel 37ss.; 181; Leg3C 17; 18b; SCom 21ss.; 66; LM II.2ss.; V.5; XI.6; XIV.5; Lm; LegPer 27; 101; Fior 15ss.; 33; 2Ctln 3
Documentos interfranciscanos	Mattli 2
OFM - OFM Cap - OFM Conv	-
OSC (Clarissas)	-
OSF (TOR)	-
OFS	-
Suplementos *	-

* **Anotação:** As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.





Uma perspectiva eclesial

No mundo inteiro, as conferências episcopais regionais e nacionais reconheceram a existência de formas de injustiça social que rebaixam a dignidade da mulher. Nas seguintes passagens de declarações oficiais das Igrejas da Ásia, América Latina, dos Estados Unidos e da África apresentam-se temas e preocupações a respeito da situação difícil da mulher.

(a) Do documento final da "4ª Assembléia Geral da Federação das Conferências Episcopais Asiáticas", Tóquio, 16 a 25/09/1986.

"3.3. Leigos e a situação difícil de mulheres asiáticas

3.3.1. Os meios de comunicação internacionais sempre têm documentado como o turismo e a indústria de lazer exploram, desonram e desumanizam a mulher asiática. Mas este é apenas um dos aspectos da situação da mulher asiática hoje. Elas sofrem muitas injustiças, tanto da parte de círculos tradicionais como também da nova ordem industrial e econômica. Dotes, matrimônios forçados, pancadas, matança de fetos femininos pesam fortemente sobre elas e levam muitas ao desespero e ao suicídio.

A indústria moderna explora o seu trabalho, pagando um salário miserável pelo trabalho pesado de mulheres em pedreiras ou obras de construção de firmas locais ou multinacionais. No mercado de trabalho, a mulher é discriminada, e no ambiente doméstico abusam dela. Em geral, a sociedade asiática despreza a mulher como um ser de segunda classe. São estas algumas das realidades que reclamam urgentemente por mudanças.

3.3.2. Por outro lado, encontra-se na Ásia profundo e genuíno reconhecimento da mulher. A mulher é considerada como centro da família. Em tempos críticos, é ela a corajosa em que os outros se apóiam. A parte que as mulheres têm no progresso como operárias, médicas, advogadas, administradoras, contadoras, políticas, professoras etc. é enorme, apesar dos empecilhos postos em seu caminho pela tradição. Também na Igreja, mulheres realizaram coisas importantes, principalmente no ensino, na enfermagem, na catequese, na administração e como membros competentes de equipes pastorais. Agora, em nossa assembléia, nós as escutamos e tomamos maior consciência de alguns fatos e verdades acerca do papel da mulher na Ásia.

3.3.3. Uma mulher é, em sentido pleno, uma pessoa humana, independente da respectiva raça, classe, tribo ou religião. Foi criada “segundo a imagem e semelhança de Deus”. Também a ela se dirigiu o chamado de Deus de cuidar da criação de maneira responsável (Gn 1,27). Tragicamente, esta imagem e semelhança de Deus foi sendo humilhada, calcada aos pés, oprimida das mais variadas maneiras. Por isso, as mulheres clamam a Deus por sua libertação.

Nós mesmos ouvimos o seu clamor amargurado, pois aqui externam o seu mais profundo desejo de dignidade e liberdade. Elas nos lembram que Maria é a Mãe de Deus e que Ela, uma mulher, cooperou com Jesus de maneira singular, a fim de que possa vir o seu Reino. Por isso, não é apenas uma necessidade humana, mas é o Evangelho que manda reconhecer a metade feminina da humanidade e restaurar a sua dignidade, para que as mulheres possam assumir o seu legítimo papel no mundo e na Igreja.

3.3.4. Assim, os leigos têm uma obrigação especial nos seus campos de atividade, seja no comércio, na educação, nos meios de comunicação, na política ou no serviço público: a obrigação de respeitar e defender a dignidade da mulher e de modificar as atitudes, a discriminação e a opressão da mulher.

3.3.5. Mas também no Povo de Deus, na Igreja, deve ser reconhecida a plena dignidade humana da mulher. Pois a Igreja não pode ser sinal do Reino de Deus e da comunidade escatológica, se os dons, concedidos pelo Espírito Santo à mulher, não são devidamente apreciados, e se as mulheres não têm parte na “liberdade dos filhos de Deus”. Elas reclamam a participação que lhes é devida, nos ministérios eclesiais e nos processos de decisão na Igreja.

3.3.6. Então, todo o povo de Deus se tornará um sinal confiável de dignidade e liberdade da mulher na sociedade e no mundo; e a Igreja, como nenhuma outra instituição, pode falar com autoridade sobre a difícil situação das mulheres asiáticas, fazendo-se a voz delas.

(b) Documento da “3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano” (CELAM), em Puebla, 13/02/1979

3.6. A mulher

Embora se fale da mulher em várias partes do documento, como religiosa, no lar etc., consideramo-la aqui sob o aspecto de sua contribuição concreta para a evangelização no presente e no futuro da América Latina.

Situação

834 - À sabida marginalização da mulher como conseqüência de atavismos culturais (prepotência do homem, salários desiguais, educação deficiente, etc.) que se manifesta em sua ausência quase total da vida política, econômica e cultural, acrescentam-se no-



vas formas de marginalização numa sociedade consumista e hedonista. Assim é que se chega ao extremo de transformá-la em objeto de consumo, disfarçando a sua exploração sob o pretexto de evolução dos tempos (por meio da publicidade, do erotismo, da pornografia etc.).

835 - Em muitos dos nossos países, quer pela situação econômica angustiosa, quer por causa da acentuada crise moral, a prostituição feminina tem aumentado.

836 - No setor operário, comprova-se a falta de cumprimento ou elisão das leis de proteção à mulher. Diante desta situação, as mulheres estão organizadas para exigir o respeito a seus direitos.

837 - Nas famílias, a mulher se vê sobrecarregada, além das tarefas domésticas, pelo trabalho profissional e, em não poucos casos, deve assumir todas as responsabilidades, devido ao abandono do lar por parte do marido.

838 - Deve-se também levar em conta a situação lamentável das empregadas domésticas, devido aos maus tratos e exploração que não raro sofrem por parte dos patrões.

839 - Na própria Igreja, tem havido por vezes uma valorização insuficiente da mulher e uma escassa participação da mesma em nível de iniciativas pastorais.

840 - Não obstante, devem salientar-se, como sinais positivos, a lenta, mas crescente inclusão da mulher em tarefas da construção da sociedade, o ressurgimento de organizações femininas que trabalham por conseguir a promoção e a incorporação da mulher em todos os ambientes.

Reflexão

Igualdade e dignidade de mulher

841 - A mulher, bem como o homem, é imagem de Deus. *“Deus criou, pois, o ser humano à sua imagem, criou-os à imagem de Deus, homem e mulher os criou”* (Gn 1,27). A tarefa de dominar o mundo, de prosseguir na obra da criação, de serem com Deus co-criadores, cabe, pois, tanto à mulher como ao homem.

Missão da mulher na Igreja

842 - Já no Antigo Testamento se nos deparam mulheres que exercem papéis relevantes no Povo de Deus, como Miriam, a irmã de Moisés, Ana, as profetisas Débora e Hulda (cf. 2Rs 22,14), Rute, Judite e outras.

843 - Na Igreja, a mulher participa dos dons de Cristo e difunde seu testemunho pela vida de fé e caridade, como a samaritana (Jo 4); como as mulheres que acompanharam o Senhor e o assistiram com seus bens (Lc 8,2); como as mulheres presentes no Calvário (Jo 19,25); como as mulheres que, enviadas pelo próprio Senhor, anunciam aos apóstolos que Ele ressuscitara (Jo 20,17); como as mulheres das primeiras comunidades cristãs (At 1,1,4; Rom 16,1-15).

844 - Acima de tudo, porém, com Maria, na Anunciação, ao aceitar incondicionalmente a Palavra de Deus (Lc 1,26ss.); na Visitação, ao ofertar e anunciar a presença do Senhor (Lc

2,39-45); no *Magnificat*, ao cantar profeticamente a liberdade dos filhos de Deus e o cumprimento da promessa (Lc 2,46ss.); na Natividade, ao dar à luz o Verbo de Deus e ao oferecê-lo à adoração de todos aqueles que o buscam, sejam eles singelos pastores ou sábios, vindos de terras longínquas (Lc 2,1-8); na fuga para o Egito, ao aceitar as conseqüências da desconfiança e da perseguição de que é objeto de Deus (Mt 2,13-15); com sua presença solícita às necessidades dos homens, ao provocar um “sinal messiânico” que garantia o bom êxito da festa (Jo 2,1-11); na Cruz, forte, fiel e aberta a uma acolhida materna universal; na espera ardente, com toda a Igreja, da plenitude do Espírito (At 1-2); na Assunção, celebrada na liturgia como a Mulher do Apocalipse, símbolo da Igreja (Ap 12).

845 - A mulher, com suas aptidões características, deve contribuir eficazmente para a missão da Igreja, participando em organismos de planejamento e coordenação pastoral, catequese (MR 49-50) etc. A possibilidade de confiar às mulheres ministérios não ordenados abrir-lhes-á novos caminhos de participação na vida e missão da Igreja.

846 - Sublinhamos o papel fundamental da mulher como mãe, defensora da vida e educadora do lar.

A missão da mulher no mundo (comunhão e participação, tarefa comum)

847 - As aspirações de libertação vigentes em nossos povos incluem a promoção humana da mulher como autêntico “sinal dos tempos”, que se corrobora na concepção bíblica do senhorio do ser humano, criado “varão e mulher”.

848 - A mulher deve estar presente nas realidades temporais, contribuindo com seu ser próprio de mulher, para participar com o homem na transformação da sociedade. O valor do trabalho da mulher não deve cifrar-se unicamente na satisfação de necessidades econômicas, mas também no ser instrumento de personalização e construção da nova sociedade.

Conclusão

849 - A Igreja é chamada a contribuir para a promoção humana e cristã da mulher, ajudando-a assim a sair de situações de marginalização em que se possa encontrar e capacitando-a para sua missão na comunidade eclesial e no mundo.

(c) Da Carta Pastoral da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos: “Justiça econômica para todos, doutrina social católica e a economia dos EUA”, Washington, DC, 18/11/1986

176 - “A alguns grupos, a pobreza os atinge mais duramente do que a outros. O mais angustiante é provavelmente o número crescente de crianças pobres. Hoje, uma de cada quatro crianças americanas abaixo de 6 anos e uma de cada duas crianças negras com menos de 6 anos figura entre os pobres. O número de crianças que vivem na pobreza aumentou na década entre 1973 e 1983 para 4 milhões, com o resultado que é particularmente grave nas famílias, onde a mulher é a única responsável pela educação, e nas



quais mais da metade das crianças são pobres. Nestas famílias, 2/3 das crianças negras e quase 3/4 das crianças latino-americanas são pobres.

177 - Muitíssimas famílias pobres com crianças não recebem assistência do governo, não têm seguro contra doenças e não podem pagar consultas médicas. Menos do que a metade foram vacinadas contra doenças evitáveis, como a difteria e a paralisia infantil. Crianças pobres ficam prejudicadas até já antes do nascimento: suas mães não têm acesso a uma previdência pré-natal de boa qualidade. É, pois, muito maior o risco de partos prematuros. Da mesma forma, é muito maior o risco de que as crianças tenham peso muito baixo ao nascer, que sofram danos físicos e mentais e morram já no primeiro ano de vida.

Mulheres na pobreza

178 - Nos últimos 20, anos nota-se um aumento drástico do número de mulheres na pobreza. Inclui mulheres que educam sozinhas os seus filhos, mulheres com um ganho insuficiente devido a divórcio, morte do marido ou aposentadoria. Mais de 1/3 de todas as famílias com chefe feminino são pobres. Entre as famílias de minorias, cujo chefe é uma mulher, o índice de pobreza fica acima de 50%.

179 - A discriminação das mulheres, quanto ao salário, é um dos fatores principais do alto índice de pobreza. Muitas mulheres têm emprego, mas continuam pobres porque os seus salários são por demais baixos. Mulheres que trabalham fora de casa durante todo o ano, em tempo integral ganham apenas 61% daquilo que ganham os homens. Por isso, o trabalho integral em si ainda não significa o desaparecimento da pobreza. Centenas de milhares de mulheres têm emprego de tempo integral e mesmo assim continuam pobres. 60% de todas as mulheres trabalham em apenas 10 espécies de emprego, e a maioria dos novos empregos para mulheres fica em áreas com baixos salários e limitadas possibilidades de promoção. Além disso, muitas mulheres são abertamente discriminadas quanto à remuneração e salário, local do trabalho e oportunidade de promoção. Por isso, o mais das vezes acabam em empregos com baixa remuneração e pouco prestígio, que oferecem pouca segurança, sindicalização pouco organizada e mínimas possibilidades de completar o salário. Tal discriminação é imoral; deve-se fazer alguma coisa para eliminar os efeitos do sexismo na sociedade.

180 - A responsabilidade das mulheres na educação dos filhos é mais um ponto importante a ser discutido. Apesar de muitas modificações na vida matrimonial e familiar nos últimos decênios, as mulheres continuam a ter a responsabilidade principal neste setor. Rompendo-se o matrimônio, os filhos, quase sempre, ficam com a mulher, que arca também com a responsabilidade financeira na manutenção deles. Muitas vezes, as mulheres prevêm que hão de deixar o trabalho para criar os filhos e, de acordo com isso, escolhem empregos e carreiras. Em outros casos, não são contratadas ou promovidas para lugares mais bem remunerados por causa de sua responsabilidade na criação dos filhos. Ademais, a maioria das mães divorciadas ou desquitadas não recebe ajuda

alimentícia para os filhos. Em 1983, recebiam esta ajuda menos do que a metade das mulheres que tinham o direito de reclamá-la. Além disso, só a metade delas recebia a importância completa a que tinham direito. Menos mulheres ainda (14%) tiveram reconhecido o direito de uma pensão alimentícia, e muitas mulheres mais idosas, depois de longa atividade como donas de casa e educadoras dos filhos, terminaram na pobreza. Tais mulheres têm muita dificuldade para encontrar emprego e fazer um seguro contra a doença.”

(d) Da Carta Pastoral dos Bispos Católicos de Uganda: *“Sejam minhas testemunhas!” A vocação e missão das mulheres na Igreja e na sociedade*, 1996:

Doutrina eclesial moderna sobre a mulher:

11 - Toda a doutrina social moderna sobre a participação ativa dos leigos na Igreja salienta a necessidade urgente de tratar as mulheres com justiça, tanto na Igreja como na sociedade em geral. Faz um apelo a todos que trabalham no setor pastoral ou em repartições públicas para que promovam a justiça devida às mulheres, capacitando e fortificando-as para que possam assumir o papel legítimo que lhes compete na Igreja e na sociedade.

Esta doutrina se encontra nos seguintes documentos eclesiais, cujo estudo e uso recomendamos expressamente a mulheres católicas: A família no mundo de hoje (1982); A preocupação social da Igreja (1987); A dignidade e vocação das mulheres (1988); A vocação e tarefa dos leigos (1989); A validade permanente do mandato missionário: *“Redemptoris Missio”* (1990); O 100º aniversário da doutrina social: *“Centesimus Annus”* (1991); O brilho da verdade (1993); Professoras da paz (1994), Evangelho da vida (1995) e a mensagem aos meios de comunicação: Foro moderno para a promoção do papel das mulheres na sociedade (Mensagem do Papa João Paulo II ao 30º Dia mundial de comunicação (1996).

13 - Importa, sobretudo, mencionar o Sínodo africano, convocado a Roma, de 10 de abril a 8 de maio de 1994. Esse Sínodo se ocupa seriamente com a posição, a vocação e o serviço da mulher na Igreja e na sociedade, exigindo *“que a mulher receba uma formação qualificada, que possa prepará-la a sua responsabilidade como esposa e mãe, mas também para abrir-lhe todas as carreiras sociais das quais a sociedade, tanto a tradicional como a moderna, tentava excluí-la sem motivo. O Sínodo pede que seja devolvido à mulher o lugar que lhe compete, que corresponde à sua verdadeira natureza e que ela merece por causa da responsabilidade que já está exercendo.”*

O Sínodo quer que as mulheres:

- * sejam plenamente integradas nos processos onde se tomam as decisões dentro da Igreja;
- * assim como posições de liderança, também dentro da Igreja.
- * Novos tipos de serviço, próprios para mulheres dentro da Igreja foram recomendados. E se insistiu no pagamento de salários justos para trabalhadoras e colaboradoras na Pastoral.



8 - Os problemas de uma mulher estrangeira numa família japonesa:

Os problemas que uma mulher estrangeira tem que enfrentar, quando vive no meio de uma família japonesa, são tão grandes que não podem ser ignorados, nem a nível pastoral, nem a nível humanitário.

Matrimônios bi-nacionais tendem a maiores dificuldades do que entre pessoas da mesma nacionalidade. Além das restrições causadas pelo conhecimento insuficiente da língua, acrescentam-se as diferenças de cultura e costumes.

Quando se trata, por exemplo, de uma filipina casada com um japonês, podemos prever que vão surgir os seguintes problemas: Em geral, nas Filipinas, as famílias são numerosas. “Dar e receber” é muito importante, e a comunicação entre todos é constante. No Japão, onde as famílias consistem de poucas pessoas e, sobretudo, de poucas crianças, quase não existe diálogo. Isto significa que a mulher tem que esperar sozinha em casa, até que o marido volte do trabalho. Caso que a sogra for uma pessoa autoritária, a jovem esposa estrangeira será envolvida na briga entre o marido e a mãe dele. Também há casos que o homem bate na mulher, quando não é obedecido.

No caso de Margarida, aconteceu o seguinte: Estava casada há três anos. De repente, o marido comunicou-lhe que estava gostando de uma outra mulher e queria o divórcio. Concordou em pagar a sua viagem de volta às Filipinas. Tudo isto aconteceu sem que houvesse qualquer diálogo. Demorou até que o divórcio estava completo, porém, as humilhações que a mulher teve que suportar desde o tempo do seu casamento até o dia do divórcio, nós, japoneses, somos incapazes de adivinhar.

Em algumas famílias, quando a esposa não tem amigas ou qualquer pessoa a quem pedir conselho, será para ela insuportável a tensão, até que acaba sofrendo um colapso espiritual e físico. Aumentam os casos que mulheres procuram alívio tomando drogas ou álcool. Sabemos de pessoas cuja personalidade foi virtualmente destruída. Felizmente, Margarida conhecia uma religiosa à qual podia pedir conselho. Também tinha amigos na Igreja. Isto foi a sua salvação. Peço a vocês, que talvez conhecem estrangeiras casadas com japoneses, que pensem um pouco o que poderiam fazer para aliviar a angústia e o isolamento que as oprime.”

Perguntas e tarefas:

1. Compare as várias declarações e distinga as suas diferenças.
2. Nomeie as preocupações principais das várias Conferências Episcopais.
3. Qual é a sua reação pessoal ao ler estes documentos?



Perspectivas religioso-feministas

No seguinte texto, Irmã Carolyn Osiek analisa a importância e a necessidade da conversão nas comunidades cristãs, no que toca a questão do sexismo.

“Conversão” significa a inteligência de uma nova verdade, a partir da qual algo que era aceitável já não o é mais. Significa também o desejo de mudar para colocar a própria vida em consonância com esta nova intuição.

Conversão moral, da qual se trata na maioria dos casos, exige abandonar aquilo que agora se apresenta como sendo errado e pecaminoso (mesmo se nem sempre foi considerado assim). Pois, importa, segundo o novo entendimento, substituí-lo com aquilo que é bom e correto. A vontade de converter-se nem sempre está ligada a uma exigência interior de acusar-se de uma culpa ou injustiça.

Conversão intelectual pode incluir a noção de que, até agora, por ignorância ou falta de esclarecimento, não era possível agir ou pensar de outra maneira.

Conversão espiritual pode manifestar-se em forma de um apelo a seguir um novo estilo de vida. Isto não implica que a maneira antiga de se comportar fosse absolutamente errada, somente já não é indicada. Assim, cada processo de conversão pode combinar vários elementos destas três formas de conversão.

Não é tão importante saber o que havia no passado, mas aquilo que se percebe por ser “certo” no presente e para o futuro. A raiz do pecado é a recusa de converter-se e de admitir a necessidade da conversão. Pecado é orgulho e auto-suficiência, ou comiseração consigo mesmo e desespero. No primeiro caso, a pessoa recusa-se a admitir a própria pobreza individual ou coletiva. No segundo caso, não quer admitir que orgulho e auto-suficiência sejam capazes de dominar a pessoa. Cada evasão deste beco sem saída pressupõe a prontidão para converter-se, isto é, a capacidade de abstrair-se de si mesmo e de aceitar algo de outrem.

Quando uma feminista, que é cristã convicta, reflete sobre a conversão, ela percebe imediata e claramente a necessidade deste processo na Igreja institucional. Pois, a sujeição sistemática, a calúnia e a opressão da mulher em nome do Evangelho não necessitam de ulteriores provas. Apesar de certas exceções, a tradição teológica e prática cristã como um todo sempre afirmou, em princípio, a igualdade dos sexos diante de Deus e a desigualdade fundamental diante da vida. Desta maneira o sexismo e o patriarcado têm efeitos negativos tanto sobre as mulheres como sobre os homens.



Em primeiro lugar, nega-se às mulheres, por via institucional, a dignidade humana, pois por causa do seu sexo elas são excluídas da esfera sacral e são desqualificadas para cargos de liderança. Em segundo lugar, procuram manter uma justificação teológica desta opressão, para garantir que a atitude patriarcal apareça como sendo justificada em nome de Deus. Em terceiro lugar, o sexismo é prejudicial para todos, porque deforma a consciência, até o ponto quando tanto o opressor como a pessoa oprimida chegam a aceitar os papéis que lhes são atribuídos, identificando-se com eles.

Pois, quando se ataca a dignidade da mulher, ataca-se igualmente a dignidade do homem, porque, quando mulheres são desqualificadas como cidadãs de segunda classe, os homens ficam com a ilusão de que somente eles são de primeira classe e que isto corresponda à vontade de Deus, não podendo ser mudado. Desta maneira, a Igreja participa da violência estrutural contra mulheres, uma violência que admite implicitamente a violência pessoal, tolerando-a.

Por tratar-se aqui de um pecado estrutural, social e eclesial, há necessidade de uma *conversão moral*. A atitude patriarcal é uma forma de classicismo, isto é da sujeição de um grupo social a um outro. Representa uma visão hierárquica da sociedade humana, onde a sujeição e a servilismo caracterizam a forma habitual das relações humanas, fazendo impossível qualquer equivalência de homem e mulher. Esta visão impossibilita também a igualdade diante de Deus, pois condições sociais e influências culturais são fatores inevitáveis na formação religiosa de indivíduos ou grupos. Assim o ideal de um “discipulado de iguais” (Schüsseler-Fiorenza), o desejo íntimo das mulheres, se torna absolutamente inatingível. Isto é um pecado diante da humanidade e diante de Deus.

A Igreja institucional é chamada também a uma *conversão intelectual*. Não basta admitir um estado pecaminoso, a menos que aquelas pessoas que cometem esse pecado também reconheçam por que fizeram tais pecados. Em países desenvolvidos, com frequência o feminismo é acusado de ser elitista, superficial e insignificante, quando comparado aos verdadeiros problemas mundiais como a pobreza, a fome, a doença e a opressão política. Tentativas de acabar com a discriminação da mulher na Igreja também são taxadas de egoísta e “curtas”, porque cristãos engajados teriam que assumir tarefas muito mais importantes na luta pela justiça a nível mundial.

Quem levanta esse tipo de objeções não vê que existe uma relação contínua entre todos esses problemas; pois trata-se sempre da dignidade humana, ferida por discriminações institucionais e de direitos humanos, que são retidos. A única coisa que pode existir são diferenças de grau. A objeção que afirma que não se tem tempo, nem na sociedade nem na Igreja, para discutir os direitos da mulher, porque há coisas mais importantes para fazer, é somente uma desculpa para esquivar-se à questão central. Quando nos engajamos em prol da promoção dos direitos e da dignidade humanos, então não pode ser válido desinteressar-se de uma parte desta tarefa para ocupar-se unicamente de certos outros aspectos.

Além de qualquer conversão intelectual, é preciso passar por uma *conversão espiritual*.

Será que vozes femininas estão convocando-nos a uma vivência mais profunda no seguimento de Cristo? Não é apenas um sentimento de “*fairness*” (= *honestidade*), que nos chama a praticar a justiça. Também não são apenas experiências e ideais democráticos que nos convidam a aceitar a dignidade integral de todos os seres humanos. Mas aqui se trata, sobretudo, de uma exigência do Evangelho. Hoje, mulheres reclamam da Igreja que ela pratique na vida o que o Evangelho exige. A voz feminina participa no desabrochar do mistério da revelação divina através da história.

O desabrochar do conhecimento da verdade, sobre nós mesmos e também sobre Deus, exige tempo. Em séculos passados, os cristãos não questionaram a justificação moral da escravatura, até a hora quando suas consciências acordaram para sentir o problema. Quando a verdade conseguiu impor-se, levou ainda séculos para daí tirar todas as conseqüências. A verdade, porém, uma vez aceita, não podia nunca mais ser revogada ou ignorada. Na nossa época, pode-se dizer o mesmo sobre a justificação do colonialismo e o problema da legitimidade das guerras. Também o patricialismo pertence a essa série. Até agora, apenas os seus exageros mais flagrantes foram reprovados por serem moralmente injustificáveis, como fazendo parte de medidas necessárias para manter a ordem e a disciplina da sociedade humana. Entretanto, já mudou também a nossa noção do preço adequado a ser pago pela manutenção da ordem. Há uma espécie de ordem que só pode existir quando todas as vozes discordantes se calam. Há uma outra espécie de ordem, quando se começa por escutar e respeitar as opiniões de todos, para finalmente chegar a uma concórdia.

O feminismo religioso convoca todos os seres humanos à conversão, para que todos, lado a lado e de mãos dadas, unidos numa só comunidade de discípulos de igual valor e dignidade, possam engajar-se na eliminação de todas as formas de opressão para promover a libertação dos oprimidos.

Tarefas e Perguntas:

1. Dê exemplos concretos de três diferentes métodos usados pelo sexismo e o patricialismo para oprimir tanto mulheres como homens.
2. O que poderia ser introduzido, a nível moral, intelectual e espiritual para facilitar o processo de conversão?





Direitos humanos e relações humanas

Nos textos seguintes de *"Pacem in Terris"* e *"Gaudium et Spes"*, assinala-se à Igreja universal a importância da dignidade humana da mulher, assim como o valor dos direitos fundamentais recebidos de Deus, que são próprios de todos os seres humanos.

a) Da Carta circular *"Pacem in Terris"* do Papa João XXIII, 1963:

41 - Em segundo lugar, está o fato universalmente conhecido de que a mulher participa na vida pública. Isto acontece mais rapidamente entre povos cristãos e mais lentamente, porém em toda parte, entre povos que seguem outras formas de vida e costumes herdados das suas tradições.

A mulher que hoje em dia está cada vez mais consciente da sua dignidade humana também está cada vez mais distante de se deixar taxar de objeto inanimado ou mero instrumento. Pelo contrário, ela assume, tanto na vida caseira como na vida pública, aqueles direitos e deveres que correspondem à dignidade da pessoa humana."

b) Da Constituição Pastoral *"Gaudium et Spes"* do Concílio Vaticano II, 1965:

29 - "Na verdade, nem todos os homens se equiparam na capacidade física, que é variada, e nas forças intelectuais e morais, que são diversas. Contudo, qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser superada e eliminada, porque contrária ao plano de Deus.

É de lamentar realmente que aqueles direitos fundamentais da pessoa não sejam ainda garantidos por toda parte. É o caso quando se nega à mulher a faculdade de escolher livremente o seu esposo, de abraçar seu estado de vida ou o acesso à mesma cultura e educação que se admitem para o homem."

Tarefas:

1. Procure três avanços sociais, científicos, econômicos e religiosos que impulsionaram a Igreja, na área eclesial ou social, a rejeitar o sexismo.
2. Identifique três desenvolvimentos que serviram, pelo contrário, a impedir que a Igreja entrasse neste caminho.
3. Partilhe as suas experiências com outras pessoas.





Aplicações

V.

Aplicação:

1.

Tarefas:

1. Abram suas Regras e Constituições e examinem se encontram vestígios de uma linguagem ou de um comportamento sexista. Quais foram eventuais experiências já feitas?
2. Até que ponto já existe na sua região uma verdadeira colaboração entre homens e mulheres na área espiritual, profética e social (= direitos humanos etc.)?



Aplicação:

2.

Estratégias para tratar do sexismo na Igreja

Tradições históricas e culturais dificultam a emergência de novas atitudes da Igreja para com as mulheres. Há tendências que procuram impedir qualquer mudança no que toca o sexismo. Mesmo assim, há motivos para acreditar que os esforços para superar o sexismo na Igreja vão continuar. É preciso levar adiante questões que se concentram na justiça e na caridade. Em todos os continentes, homens e mulheres cristãos vão continuar a opor-se ao sexismo por amor à fé e à verdade, mesmo quando se distinguem pelos métodos usados. Uma vez que a comunidade dos cristãos respondeu à pergunta sobre o “Porquê” da luta contra o sexismo, agora tem que procurar meios para definir como chegar ao fim desejado. Irmã Carolyn Osiek, RSCJ, propõe cinco caminhos possíveis.

• Permanecer à margem

Trata-se de permanecer na Igreja, mas, por assim dizer, mais à margem dela. Representantes desta tendência se decidem a não sair da Igreja, apesar de estarem convencidos de que a Igreja não pode nem quer mudar. Pelas suas experiências dolorosas de mágoa,



frustração e marginalização, mostram à instituição da Igreja seus pecados e omissões. Normalmente, este modo de proceder acaba na rejeição total da Igreja ou na escolha de uma nova postura.

• **Permanecer fiel**

Representantes desta orientação permanecem na Igreja. Sua fidelidade é um meio de participação e um caminho para garantir a pertença. Estes “lealistas” acreditam na bondade e santidade intrínsecas da tradição cristã como revelação e dom de Deus. Acreditam que o sexismo é causado pelos homens, ou seja, por seres imperfeitos, injustos e ávidos de poder. A estratégia consiste numa chamada à conversão. Aponta-se para a necessidade de uma verdadeira humanização. Portanto, se há conversão, a vontade de Deus pode realizar-se. “Lealistas” sublinham o fato do pecado e da culpa pessoal. Raramente dão importância à influências histórico-culturais ou realidades sócio-econômicas inerentes aos sistemas.

• **Pensar simbolicamente**

Representantes desta tendência sublinham a função simbólica do fator feminino dentro da tradição cristã e do mundo religioso. Sublinham o valor das atitudes normalmente relacionadas com o feminino, como p.ex., a intuição, a compaixão, a reciprocidade, o sentimento. Acreditam que conflitos a outros níveis possam ser evitados quando se mantêm estes valores. Procuram ultrapassar o sexismo, superando a problemática da história e da sociedade. Para este fim, elevam sua força criativa num reino simbólico, onde o feminino é totalmente diferente do masculino e lhe é superior. Para estes “simbolistas”, não se trata tanto de questões de justiça e igualdade, mas se concentram na solução de questões e problemas concretos, animando outros a serem criativos, a sonhar e esperar.

• **Questionar a história**

“Revisionistas” concentram sua pesquisa nas causas históricas e culturais do patriarcado, do androcentrismo e da misoginia na Igreja e na sociedade. Acreditam que há motivos bastante numerosos para questionar a visão dominada por homens que falsificam, ocultam ou ignoram a verdade histórica. Acreditam, portanto, que uma nova visão fidedigna da história possa trazer mudanças de comportamento. Acreditam, finalmente, que autoridades institucionais possam transformar-se para o melhor, quando se chega a uma compreensão mais perfeita e representativa da história e da cultura. Dão muita importância à Teologia da Revelação e à maneira como Deus age na história.



Representantes desta orientação procuram sua energia e inspiração na convicção religiosa de serem chamadas como cristãs a tomar o partido daqueles que são privados dos seus direitos, dos marginalizados, pobres e impotentes, dos fracos e feridos. Acreditam que o Reino de Deus tem uma dimensão histórica concreta e não apenas uma dimensão transcendental. Por isso, se dedicam totalmente ao trabalho por justiça, para garantir a igualdade e dignidade completa de todos os seres humanos, independentes da sua raça, classe ou gênero. “Libertacionistas” não hesitam em colocar-se do lado dos pobres, pois acreditam que Deus faz o mesmo. No seu empenho para acabar com o sexismo na Igreja, optam preferencialmente pelas mulheres que são oprimidas ou marginalizadas pelas estruturas da instituição. Muitas vezes, a estratégia destas mulheres é vista em relação com modelos políticos, sendo identificada com eles.

Ao estudar e contemplar estas diversas maneiras de tratar o sexismo na Igreja, devemos ficar conscientes de que este tipo de esquematização não é capaz de reproduzir a complexidade da realidade, a não ser de modo imperfeito. Cada um de nós, mais cedo ou mais tarde, vai inclinar-se a assumir ora uma, ora outra destas tendências acima citadas.

Perguntas:

1. No seu próprio contexto, quais são os sentimentos e atitudes de mulheres que vocês conhecem?
2. Qual é a sua própria atitude?
3. Procurem partilhar suas idéias a respeito.



Aplicação

3.

“Abrem-lhe as portas, deixando-a entrar. Pois, para o “irmão Jacoba” não se aplica a lei que regula o tratamento com mulheres” (3Cel 37).

Perguntas:

1. Como você interpretaria a expressão “irmão Jacoba”?
2. Que conseqüências fundamentais tirar desta expressão?
3. No seu contexto, como está o tratamento entre irmãs e irmãos franciscanos?



Aplicação

4.

Refleta sobre as seguintes convicções franciscanas:

(a) *Da mensagem interfranciscana de Mattli, 1982:*

2. Em favor da mulher e contra a discriminação

Impressionou-nos também a situação da mulher no Terceiro Mundo. Ela é a mais pobre entre os pobres. Muitas vezes, é desvalorizada simplesmente por ser mulher, tratada como objeto de comércio, explorada sexualmente pelo turismo sexual, prostituição, novas formas de escravidão nos centros de prazer, especialmente no Primeiro Mundo. É também usada como mão-de-obra barata e mantida em condições de ignorância e inferioridade.

Como franciscanos, preocupados com esta discriminação da mulher, não podemos esquecer que São Francisco soube descobrir e valorizar o elemento feminino em toda a criação, alimentando um amor especial e uma grande devoção à Mãe de Deus, que trouxe Cristo ao mundo. Ele próprio se concebia como uma mãe que gerava e protegia a vida (2 Cel 16) e interpretou as relações interpessoais em termos de maternidade. Seu grande amor a Deus tornou possível o florescimento da amizade com Clara de Assis e com Jacoba de Roma. Em seu Cântico do Irmão Sol chamou todas as criaturas “irmãs” e “irmãos”, conseguindo assim uma unidade harmoniosa entre todas elas.

Por isso nós, irmãos e irmãs da família franciscana, cremos que nossa tarefa é fazer uma opção especial pela mulher oprimida dentro de nossa opção pelos pobres. Estamos convencidos de que somente na entrega recíproca a este ideal poderemos realizar nossa vocação franciscana. De modo especial, as irmãs de nossa família franciscana podem mostrar sua solidariedade, dirigindo seus esforços contra a discriminação da mulher. Dessa maneira, elas poderão ser um sinal da atitude libertadora de Francisco, no âmbito de seus vários



meios culturais. O exemplo do Irmão de Assis nos estimula a procurar que toda mulher ocupe o lugar que lhe cabe e participe no processo da tomada de decisões na Igreja e na sociedade.

(b) Da Segunda Vida de São Francisco, de Tomás de Celano, capítulo LXXVIII: “Deve-se evitar a familiaridade com mulheres. Como conversar com elas.”

112. *“(Francisco) mandava evitar totalmente o mel venenoso que é a familiaridade com as mulheres, que induzem ao erro até os homens santos. Temia que, com isso, o fraco se quebrasse depressa e mesmo o forte ficasse muitas vezes enfraquecido em seu espírito. Achava que só escaparia de seu contágio, conversando com elas, o homem que fosse bem provado, capaz de, conforme a Bíblia, andar no fogo sem queimar os pés.*

Para dar testemunho, cuidava ele mesmo de ser exemplo de toda virtude. Pois as mulheres o perturbavam tanto que não se podia dizer que fazia isso por precaução ou para dar exemplo, mas realmente porque tinha medo e ficava horrorizado. Quando sua importuna loquacidade o assaltava com seu falatório, invocava o silêncio, falando com brevidade e humildade e baixando os olhos. Outras vezes, voltava os olhos para o céu, parecendo trazer de lá as palavras que respondia às resmungadoras da terra.

Dirigia, entretanto, palavras admiráveis, embora breves, àquelas em quem a devoção tinha feito a morada da sabedoria. Quando conversava com mulheres, falava o que tinha a dizer em voz alta, para poder ser ouvido por todos. Uma vez, disse a seu companheiro: ‘Confesso-te a verdade, meu caro, não reconheceria nenhuma pelo rosto, a não ser duas. Conheço a fisionomia desta e daquela, de mais nenhuma.’

Ótimo, pai, porque o rosto delas não santifica ninguém! Ótimo, porque o lucro não é nenhum, mas o prejuízo é muito grande, mesmo do tempo! Elas só servem de estorvo aos que querem seguir o caminho árduo da santidade e contemplar a face de Deus, radiante de beleza.

Perguntas:

1. Qual é a atitude que este texto transmite?
2. Na sua comunidade, esse tipo de atitude é comum?



Finalmente, uma reflexão humorística: “Carta apostólica” destinada às mulheres, sendo elas as únicas com direito a receber a ordenação sacerdotal:

Queridas Irmãs, com muita apreensão, tomamos conhecimento da exigência, pedindo que também homens sejam admitidos à ordenação sacerdotal. Isto de maneira nenhuma corresponde nem à revelação divina nem à ordem da criação. Por este motivo, quero esclarecer, uma vez para sempre, porque o homem nunca poderá ser um sacerdote.

De fato, o homem tem sua dignidade como esposo e pai de família. Segundo a sua natureza, porém, ele não está em condições de representar o sacerdócio de maneira digna. Portanto, o sacerdócio está acessível unicamente à mulher, sendo possível fundamentar esta afirmação.

1. Pela teologia do ministério

Na Igreja Católica, o ministério exprime que a Igreja depende da benevolência de Deus. A Igreja não se criou a si mesma, mas Deus convocou a comunidade dos fiéis pela sua revelação em Jesus Cristo. Uma vez que o ministério visualiza a relação íntima com Deus, as pessoas que exercem estes ministérios devem pertencer ao sexo feminino. Pois Deus consolidou os inícios da Igreja nas mulheres. Deus escolheu uma mulher, Maria, destinada a trazer seu Filho ao mundo. Pelo fruto da Mãe de Deus, o Verbo se fez carne (Jo 1,14; Lc 1,26-38). Portanto, neste fenômeno do parto, que é reservado exclusivamente às mulheres, encontra-se o pré-existente e autêntico início da Igreja.

A Eclesiogênese (= nascimento da Igreja), portanto, não é possível a não ser a mulheres. Elas são as únicas capazes de evidenciar que a Igreja é Mãe, aberta à ação vivificadora de Deus.

A tarefa mais importante do ministério eclesial é a de continuar este acontecimento pelo perpétuo nascimento de novas filhas (e filhos) de Deus, gerados por Ele no seio da Mãe Igreja.

Independentes de condições sócio-culturais, homens jamais são capazes de dar à luz. Portanto, eles não têm direito ao ministério sacerdotal, porque - em caso contrário, - a eficácia do ministério perderia o seu efeito. De fato, é inconcebível que um homem, por sua natureza, possa simbolizar a maternidade da Igreja que é “*Mater e Magistra*” (= Mãe e Mestra). A natureza do homem está orientada para a ação, o exercício do poder e da violência; portanto, irreconciliável com o mistério íntimo do ministério. Pelo contrário,



iria ofuscar a ação de Deus, que é a única necessária, e colocaria os homens na posição de querer representar papéis “semelhantes a Deus”.

Os discípulos masculinos de Jesus brigavam entre si para saber quem entre eles era o maior (Mc 9,34ss.). Queriam exercer poderes no Reino de Deus (Mc 10,37). Pedro usou sua espada para ferir o servo do Sumo Sacerdote (Jo 18,10). Jesus não permitiu que os discípulos fizessem descer fogo do céu para consumir os que se recusavam recebê-lo (Lc 9,54). Eles também queriam impedir alguns de fazer o bem, porque não pertenciam ao seu grupo (Mc 9,38). A essência do ministério pastoral, porém, é expressa na Escritura através do exemplo de uma mulher e através de atributos femininos (cf. Lc 15,8ss.).

2. Pelos testemunhos bíblicos

O Senhor chamou, em primeiro lugar, mulheres para serem testemunhas da Boa Nova. Perto do sepulcro, as mulheres eram as primeiras testemunhas da Ressurreição, e entre elas, sobretudo, nossa Irmã Maria de Mágdala, a “apóstola dos apóstolos”. De fato, Jesus se revelou primeiro a mulheres como o Ressuscitado. Enquanto os homens ainda duvidavam (Lc 24,11ss.), as mulheres já estavam adorando o Ressuscitado (Jo 20,16). No seu espírito, elas já eram capazes de compreender a dimensão divina do acontecido, que ainda continuava oculto aos homens e enquanto os homens ainda exigiam provas concretas (cf. Tomé, Jo 20,24-29). Neste primeiro encontro das mulheres com o Ressuscitado, quando Jesus lhes mandava anunciar o evento aos homens, está fundamentada a precedência irrefutável das mulheres, com direito ao ministério eclesial.

Mulheres também foram as primeiras a reconhecer que Jesus é o Cristo, isto é, o “Messias”, o “Ungido”. Maria de Betânia, a irmãs de Lázaro, o declararam publicamente (Jo 11,27). Foi uma outra mulher que também anunciou e propagou a notícia da messianidade de Jesus, quando lhe ungiu a cabeça, de acordo com os costumes judaicos (Mc 14,3-9). Foi o próprio Jesus quem anunciou que essa mulher seria lembrada para sempre por causa daquilo que ela fez. Portanto, segundo as Escrituras, as mulheres são as primeiras e autênticas testemunhas de Cristo.

3. A função medianeira da sacerdotisa

A tarefa de uma sacerdotisa consiste na sua função de medianeira. No seguimento fiel de Maria e das mulheres, que estiveram por primeiro no sepulcro, compete unicamente à mulher o direito de servir de medianeira entre a esfera divina e a esfera profana. Por motivos biológicos e mentais, o homem é incapaz de criar algo que seja divino, como se verifica de modo inequívoco na maternidade de Maria. Pois, se não fosse assim, então Deus poderia ter escolhido o caminho através de um homem para entrar no mundo, pois para Deus nada é impossível (Lc 1,37).

De fato, isto teria correspondido muito mais à ideologia daquele tempo, onde os homens tinham a precedência em tudo. Como Deus, porém, escolheu uma mulher para se encarnar

no mundo, ele deu, uma vez para sempre, um modelo definitivo à Igreja. E a Igreja está obrigada a ser fiel a este modelo.

4. Pela natureza dos sacramentos

A fonte da vida eclesial, a experiência da salvação que vem de Deus, é dada aos fiéis através dos sacramentos. Sacramentos não são simples sinais exteriores, mas possuem um intrínseco efeito salvífico. De acordo com este fato, as pessoas que distribuem os sacramentos devem pertencer ao sexo feminino. Pois, o seio feminino é o sinal exterior da prontidão de receber a vida dentro de si.

Somente uma mulher pode ser “recipiente do Espírito” e “tabernáculo de Deus”, assim como se canta nas antigas canções dedicadas a Maria. Assim como Maria fez nascer o divino Filho pelo fruto do seu ventre, assim a sacerdotisa traz o divino pelo fruto do seu espírito.

5. Pelo caráter sacrificial da missa

Sem deixar dúvida alguma, a Sagrada Escritura nos transmite que foram mulheres que seguiram Jesus até a Cruz (Mc 15,40), enquanto todos os homens, menos João, fugiram. Não eram capazes de sofrer. Já anteriormente recusaram repetidamente aceitar a paixão de Jesus como conseqüência de sua vida. Por causa disso, Pedro recebeu a dura reprimenda de Jesus que lhe mandou afastar-se como Satanás, “*pois não tinha senso para as coisas de Deus, mas para as dos homens*” (Mc 8,34). E dos outros está escrito que “*eles não entendiam as palavras (de Jesus) e tinham medo de perguntar-lhe*” (Mc 9,32).

Portanto, homens que renegaram Jesus e não estavam debaixo da Cruz perto dele, como poderiam ser capazes de celebrar o sacrifício eucarístico, a saber, a atualização do sacrifício da Cruz?

De tudo isto resulta que o serviço sacerdotal é reservado, por natureza, às mulheres. Segundo a vontade divina, isto vale para todos os tempos. Peço, portanto, aos homens que aceitem esta determinação. O homem moderno, por causa do seu pensamento funcionalista, sente dificuldade para entender e aceitar este esclarecimento. Mas a Igreja é, por natureza, um mistério. Aceitar esta verdade fielmente é a tarefa cristã por excelência do homem. A verdade traz decepções, mas estas, por sua vez, trazem a verdade. Somente a verdade liberta (Jo 8,32). ass.: Joana Paula II

Tarefa:

Refletir, à base de fundamentos teológicos semelhantes, como o sacerdócio da mulher pode ser representado como o normativo, excluindo os homens do ministério.



Em português:

AA.VV.,

Franciscanas falam do Feminino, em Cadernos Franciscanos 4, Petrópolis, Vozes-Cefepal, 1992.

AA.VV.,

O Feminino no Franciscanismo, em Cadernos Franciscanos 2, Petrópolis, Vozes-Cefepal, 1991.

Em alemão e outras línguas:

Beauvoir, S.de

Das andere Geschlecht (Hamburgo 1951)

Boff, L.

Das mütterliche Antlitz Gottes (Düsseldorf 1985)

Brittan, A./Maynard, M.

Sexism, Racism and Oppression (Nova York 1984)

Bührig, M.

Die unsichbare Frau und der Gott der Väter (Stuttgart 1987)

Cady, S.

Sophia: The Future of Feminist Spirituality (San Francisco 1986)

Carr, A.

Feminist views of Christology: Theological Review, No.2, Chicago Studies, Vol. 35 (Agosto 1996)

Daly, M.

Kirche, Frau und Sexus (Olten 1970)

Gilligan, C.

Die andere Stimme (Munique/Zurique 1984)

Gössmann, E.

Die streibaren Schwestern. Was will die feministische Theologie? (Friburgo 1981)

Gutting, E.

Offensive gegen den Patriarchalismus (Friburgo 3, 1989)

Halkes,C.

Gott hat nicht nur starke Söhne (Gütersloh 5, 1987)

Heine,S.

- Wiederbelebung der Göttinnen. Zur systematischen Kritik einer feministischen Theologie (Göttingen 1987)
- Frauen der frühen Christenheit. Zur historischen Kritik einer feministischen Theologie (Göttingen 2, 1987)

Jordan,P.

Die Töchter Gottes. Zum Thema Frau und Kirche (Frankfurt 1973)

Lissner,A./Süssmuth,R./Walter,K.

Frauenlexikon (Friburgo 2, 1989)

Missionszentrale der Franziskaner (edit.)

Da Série: Berichte, Dokumente, Kommentare: -

- Caderno 56: 800 Jahre Klara. Die weibliche Wurzel der Franziskanischen Familie (Bonn 1994)
- Caderno 59: Die Suche nach Ganzheit. Die feministische Dimension des franziskanisch-missionarischen Charismas (Bonn 1995)

Moltmann-Wendel,E./Moltmann,J.

- Humanity in God (1983)
- Freiheit, Gleichheit, Schwesterlichkeit (Munique 4, 1984)
- Frauenbefreiung (Munique 4, 1986)

Oduyoye,M.

Hearing and Knowing. Theological Reflections on Christianity in Africa (Maryknoll 1986)

Osiek,C.

Beyond Anger: On Being Feminist in the Church (Mahwah, N.J., 1986) 45-49

Polk,B.

Male Power and the Women's Movement. Women: A Feminist Perspective: J.Freeman (edit.), (Palo Alto, CA, 1975)

Pro Mundi Vita

- (56) Women, the Women's Movement and the Future of the Church (Bruxelas 1975)
- (83) Situation of Women in the Catholic Church: Development since International Women's Year (Bruxelas 1980)

Radford Ruether,R.

- (edit.) Religion and Sexism: Images of Women in the Jewish and the Christian Tradition (Nova Yorque 1974)
- To Change the World: Christology and Cultural Criticism (Nova Yorque 1975)
- Sexismus und die Rede von Gott. Schritte zu einer anderen Theologie (Gütersloh 1985)



Raurell, F.

- Lineamenti di Antropologia Biblica (Casale Monferrato 1986)
- Der Mythos vom männlichen Gott (Friburgo 1989)

Rottzetter, A.

Franz von Assisi. Erinnerung und Leidenschaft (Friburgo 1989)

Russel, L.

Human Liberation in a Feminist Perspective. A Theology (Philadelphie 1974)

Schüngel-Straumann, H.

Die Frau am Anfang. Eva und die Folgen (Friburgo 1989)

Schüssler-Fiorenza, E.

- Zu ihrem Gedächtnis. Eine feministisch-theologische Rekonstruktion der christlichen Ursprünge (Munique/Mogúncia 1988)
- Brot statt Steine (Fribourg 1988)
- Jesus, Miriams Kind, Sophias Prophet. Kritische Anfragen feministischer Theologie (Gütersloh 1997)

Strahm, D.

- Vom Rand in die Mitte (Luzern 1996)
- Aufbruch zu neuen Räumen (Friburgo 1987)

Frontispício:

São Francisco. Afresco no oratório de Santa Clara em São Damião.

Frontispício interior:

Santa Clara. Afresco no oratório de Santa Clara em São Damião.

- p.04: Francisco de Assis encontra Sta. Clara. Atribuído a Cimabue. Basílica de S. Chiara, Assis.
- p.07: “Quando Adão trabalhava a terra e Eva fiava...” da Bíblia de Yerislav, de 1340. Mansell Collection.
- p.09: De: “Venha o teu Reino!” Adveniat.
- p.10: Ordem patriarcal, representada numa família burguesa, do séc.XIX. De: Im Gespräch, 1/79.
- p.11: Adão e Eva, de relações cortadas. Desenho de Benjamin Ziv, 1984.
- p.11: Adão e Eva, de relações restituídas. Desenho de Benjamin Ziv, 1984.
- p.13: Prostitutas na Tailândia. De: Misereor, apostilha, 1990. Foto: dpa.h.
- p.15: Ilustração de epd Materiais, III/95.
- p.16: Ilustração de epd, 18/19/95.
- p.17: Distribuição de papéis. Foto: S. Szasz.
- P.18 e 19: Identificação com um modelo masculino ou feminino. Foto: S. Szasz.
- p.20: “Entre a devoção a Maria... (Arquivo Cultural da Prússia).
- p.21: ... e o auto-de-fé de uma bruxa”. De: Kontraste, 3/94.
- p.22: De: Wendekreis, 11/90.
- p.23: Maria de Magdala (Jo 2,11-18). Motivo da “Toalha da fome” de Misereor: “Figuras bíblicas femininas, guias ao Reino de Deus”, de Lucy D’Souza, 1990.
- p.25: “Desde o princípio, Deus os criou homem e mulher” (Mt 19,1-12). Rascunho de Emil Wachter.
- p.27: Foto: Anthony-Dietrich, Stamborg.
- p.28 (lado esquerdo): Ser amado. Toni Zenz, modelo para uma estátua de bronze.
- P.29 (lado direito): Mãe Pica liberta o filho. Miniatura do Códice Legenda Maior, séc. XV, Museu Franciscano, Roma.
- p.30: O Papa pede a Clara para abençoar o pão (cf. Fior 33). Gravura de Adriaen Collaert, segundo um desenho de Adam van Oort (van Noort), 1562-1641.
- p.31: Clara protege suas irmãs preferidas (segundo o modelo da Madona da Misericórdia). Pintor francês, fim do séc. XIX.
- p.32: Santa Wilgefortis crucificada, de barba. Quadro votivo, séc. XVIII.
- p.34: De: Misereor, apostilha de 1990. Foto: KNA-Foto.
- P.61: Foto: Tula Roy.



Para refletir

Por acaso não sou mulher?

Aquele homem está dizendo:
"É preciso ajudar as mulheres,
quando entram num coche;
carregá-las, quando atravessam poças d'água
e reservar sempre os melhores lugares para elas."

A mim, ninguém jamais ajudou entrar num coche,
ou quando atravessava uma poça d'água,
nem reservando o melhor lugar para mim.

Por acaso não sou mulher?

Olhe para mim:
veja os meus braços!
Lavrei a terra, plantei e levei a colheita para os celeiros.
E não se encontrava homem
capaz de fazer isto mais rapidamente do que eu.

Por acaso não sou mulher?

Fui capaz de trabalhar e comer tanto quanto qualquer homem, quando houve uma ocasião
para isso.
Também agüentei o chicote.

Por acaso não sou mulher?

Tive treze filhos
e estava presente,
quando quase todos foram vendidos como escravos.
E quando gritei de dor como mãe, ninguém me ouvia
a não ser Jesus.

Por acaso não sou mulher?

Aquele preto falou
que mulheres não podem ter os mesmos direitos que homens,
porque o Cristo não era mulher.

E de onde é que o Cristo veio?
De Deus ou de uma mulher?
Os homens não tinham nada que ver com isso.
Se a primeira mulher, criada por Deus,
era capaz de transtornar a ordem do mundo;
então, todas as mulheres em conjunto
deveriam ser capazes de recolocar o mundo nos seus eixos.



(Da palestra de Sojourner Truth, afro-americana e antiga escrava, durante uma conferência de mulheres, sobretudo de origem ocidental, em 1852).



Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia
19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana
- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo
22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano

Próximas lições a serem publicadas

23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja